



3x4 ROTINA //

EXPEDIENTE //

Comissão Editorial

Ariel Fagundes
Caroline Abreu
Débora Gallas
Jerusa Campani
Leandro Rodrigues

Revisão

Ariel Fagundes
Caroline Abreu
Débora Gallas
Mariana Müller

Projeto Gráfico

Bruna Goss
Pedro Fernandes

Capa

Mesa de desenho de Santiago.
Foto: Bruna Goss

Equipe

Alexandre Miorim, Ana Paula Vieira, Ângela Camana, Ariel Fagundes, Bruna Goss, Caroline Abreu, Débora Gallas, Diego Mandarino, Eduardo Osorio, Felipe Martini, Francisco Guazzelli, Jerusa Campani, Jessica Mello, João de Moraes, Karyme Reis da Costa, Larissa Piazzzi, Leandro Rodrigues, Marcus Vinícius Pereira Meneghetti, Maria Fernanda Cavalcanti, Mariana Müller, Matheus Kern, Matheus Pairé Rosa, Rafael Maia, Sayuri Kubo, Victoria Thibes.

ÍNDICE //

- Editorial // 3
- Rasgar o contrato da Rotina // 4
- Cidade B // 6
- O extremo Ocidente // 8
- No compasso do samba // 11
- Viagens metroviárias // 12
- Convivência entre irmãs // 14
- Campo: o sustento da vida // 15
- Administrando a sobrecarga // 17
- Entrevista: Santiago // 20
- O som do coração // 23
- A vida pela rotina // 25
- Na cidade ou no mosteiro // 26
- Unhas vermelhas // 28
- Pagando para ver // 29
- Voando alto // 30
- Entre pixels e tweets // 32
- O dono do Beira-Rio // 34
- Quando a rotina entra em colapso // 36
- Os dias e as ideias de quem vê o tempo entre suas mãos // 38

EDITORIAL //

O cotidiano vem à tona

Caso alguém não tenha percebido, o corpo docente do curso de Jornalismo da Fabico não é lá muito vasto. Perde-se nas areias do tempo o dia em que foi aberto o último concurso para professor titular. Após anos de aulas com profissionais confinados à academia, descrentes com o meio jornalístico e/ou resignados à (mercado)lógica midiática vigente, tornar-se aluno de Wladimir Ungaretti é um sincero alívio. Primeiro, porque a iminência de sua aposentadoria ronda os corredores fabicanos como o vento frio que apaga a última chama de uma fogueira. Segundo, porque romper com a previsibilidade de qualquer rotina sempre é instigante. Pode não ser a atitude mais fácil de se tomar, mas a própria organização que estabelecemos para nossas vidas tem seu valor multiplicado a cada vez que a deixamos de lado.

Por isso, é com muita satisfação que afirmamos: de forma alguma, a realização desse jornal foi um processo rotineiro. Enquanto boa parte das disciplinas aspira reproduzir o *modus operandi* dos grandes veículos de mídia (o que, sob um aspecto, é justificável), as aulas do professor Ungaretti permanecem um refúgio para quem entende que ser jornalista é mais do que sorrir às câmeras. Nenhuma cartilha nos foi imposta; o único dever era produzir algo que provavelmente não seria publicado pelos jornalões. Ou seja, que não endossasse um modelo de Jornalismo mais preocupado com os interesses financeiros do que com a complexidade da vida humana.

Acreditamos que, em maior ou menor escala, todas as matérias alcançaram o objetivo, pois nada que acontece sempre é pauta para a mídia. Sob a égide do extraordinário, noticiários dão muito mais espaço ao bebê tailandês fumante do que às inúmeras chacinas que ocorrem diariamente. Procuramos romper com isso revelando como pessoas e locais absolutamente distintos entre si vivem a maior parte de seus dias - de um bar a um posto de saúde, de um budista a um jogar de pôquer.

O resultado é um emaranhado de retratos do cotidiano, em que cada pedaço traz consigo a identidade do autor mesclada a dos personagens expostos. Pela infinidade do tema, todos os alunos puderam se envolver com suas matérias e a qualidade final do trabalho se deve muito a isso. Mas vale ressaltar que a pedagogia libertária de Wladimir Ungaretti também foi fundamental, e nos possibilitou vivenciar o prazer de fazer Jornalismo. Esperamos apenas que os leitores se divirtam com esse jornal tanto quanto nós nos divertimos o produzindo.

Jornalismo de rotinas

Teve um tempo em que o exercício do jornalismo era sinônimo, entre outras coisas, de uma prática profissional que não tinha nada de rotina. Escutei muitas vezes que se devia começar na profissão como repórter de polícia ou de esportes. Era o tempo em que o setorista de polícia subia morro e vazia uma ronda pelas delegacias. O jornalismo era a posse não rotineira das ruas. Ou fazia vestiário em dias de treino como repórter de esportes. Não existia assessoria de imprensa. Cada pauta podia ser uma grande aventura. Não existiam RPs (relações públicas). Entre o repórter e a notícia não existiam especialistas no despiste. O uso do telefone tinha outra função. Cada matéria era a definitiva e mais importante do que a anterior. E ao lembrar esse tempo não há nenhum sentimento nostálgico. É impossível pensarmos em rotinas lendo a história de jornalistas como Tarso de Castro. O jornalismo tinha o sentido de subversão.

Esta turma escolheu o tema rotinas. Uma tentativa de captar as nuances que nos faz valorizar, em alguns momentos, as atividades rotineiras e em outros a quebra da própria rotina. Fazia algum tempo que não trabalhava com uma turma grande, mobilizada e ágil para cumprir todos os prazos estabelecidos na produção do jornal. Depois de quase vinte anos atuando como professor, mas sempre tentando não abandonar a inquietação que deve nortear todo jornalista, posso dizer que não realizei um semestre rotineiro. Esta turma me permitiu exercer a atividade de professor sem qualquer sentimento professoral. Está cada vez mais difícil manter o velho espírito não rotineiro da atividade jornalística.

Cada vez mais tem sido acelerado o processo de formação das novas gerações com o sentido do manuseio rotineiro de técnicas. Não por acaso, a obrigatoriedade do diploma caiu (não altera nada para o jornalismo que se pratica). Moderniza-se em uma velocidade espantosa a estrutura material dos cursos de comunicação. Nas universidades federais, implanta-se um currículo de escola técnica e o "ensino" está amarrado às rotinas.

Nenhuma criatividade floresce em uma rotina inóspita. Importa mais saber segurar o microfone, pentear os cabelos, cuidar do notebook e saber apertar os botões do que ter o que dizer e saber como dizer; a repetição da forma é para estar em sintonia com o deus-mercado. O conteúdo não importa. Só que para a prática jornalística, a matéria-prima é o conteúdo.

Comissão Editorial

Professor Wladimir Ungaretti

RASGAR O CONTRA (OU A MATEMÁTICA)

Texto e fotos:
Marcus Vinícius Pereira Meneghetti
monsenhormarcus@gmail.com



A equação brochante da rotina

=

Era a mulher dos meus sonhos. Veio até mim, e convidou a si mesma para visitar meu apartamento. Cinco minutos no aconchego do lar e ela se despe. Beija-me louca. Tiro a minha roupa. No instante seguinte, já estamos deitados no sofá em plena euforia. Meus dedos tateiam o corpo dela, tal qual Steve Wonder diante do teclado. A língua dela alisa meu corpo com a elegância e parcimônia de uma gata persa. Já a minha língua passeia vagabunda pelos seus seios pequenos. Meu falo fala sobre libido. Os lábios íntimos dela confessam volúpia. Então, seus olhos de Capitu evocam Anaís Nin: chega a hora das punhaladas do amor. Como já diria o poeta: entra e sai, entra e sai, pela porta da frente, pela porta de trás. Algum tempo se passa, e enfim hasteamos a bandeira do orgasmo no estandarte da paixão casual.

+

O saudoso dicionário Aurélio define "rotina" assim: *caminho utilizado normalmente; itinerário habitual; hábito de fazer uma coisa sempre do mesmo modo, mecanicamente; repetição monótona das mesmas coisas; apego ao uso geral, sem interesse pelo progresso.*

Ora, se enquadrássemos numa rotina a cena sexual idealizada anteriormente, os efeitos seriam devastadores. O que normalmente seria extasiante, iria se tornar fonte de monotonia. Seria absurdamente tedioso transar com a mesma mulher, todos os dias, no mesmo horário, da mesma maneira. Por mais perfeita que fosse a parceira, por mais exóticas que fossem as posições, por mais convidativo que fosse o ambiente, ainda assim o sexo perderia toda a graça se fosse previsível e repetitivo. Não demoraria muito até que a trepada com a mulher ideal se transformasse num fardo tão maçante quanto a sina de Prometeu Acorrentado. Ou pior: não demoraria muito até que o sexo se transformasse numa experiência de Woody Allen. No final das contas, o que eu quero dizer é que a rotina é o anti-viagra da modernidade.

A rotina: do trabalho ao homem

A rotina pode converter qualquer coisa em uma tarefa enfadonha. É o caso do exemplo freudiano citado. Contudo, há de se destacar uma coisa: a concepção atual de rotina foi concretizada durante a Revolução Industrial. E, não por acaso, ela

está intimamente ligada ao trabalho.

Guy Debord já apontava para a relação entre a vida dos trabalhadores e seus empregos. Em sua obra "A Sociedade do Espetáculo", o intelectual já falava que os cidadãos planejam suas trajetórias a partir das jornadas de trabalho. Isto quer dizer o seguinte: um indivíduo trabalha em média oito horas por dia, cinco dias por semana, 11 meses por ano. Normalmente, este é um ciclo de horários previsível e rígido. Além disso, essa carga horária é assegurada por um contrato trabalhista. Ademais, o trabalhador não tem escolha. Afinal, se pedir demissão, não poderá sustentar sequer suas próprias necessidades básicas. Assim, o sujeito pensa toda a sua existência baseada na rotina de trabalho. Seus momentos de lazer, refeições, exercícios físicos, estudo, viagens, são organizados para se encaixarem nos horários de folga ou de férias.

Pois bem! A rotina moderna nasce no seio do labor. Então, concentremo-nos, agora, nela única e exclusivamente. Façamos isso pois, assim, veremos que a rotina é o verdadeiro Frankenstein da humanidade. Montaigne dizia o seguinte sobre os hábitos rotineiros: "Parece-me haver muito bem compreendido a força do costume quem primeiro inventou essa história de uma mulher que, tendo se habituado a acariciar e carregar nos

ATO DA ROTINA // (TICA DA ROTINA)

braços um bezerro, desde o nascimento, e o fazendo diariamente, chegou pela força do hábito a carregá-lo ainda depois que já se havia tornado boi". E o autor conclui: "O costume é efetivamente um pérfido e tirânico professor. Pouco a pouco, às escondidas, ganha autoridade sobre nós; a princípio, terno e humilde, implanta-se no decorrer do tempo, e se afirma, mostrando-se, de repente, uma expressão imperativa para a qual não ousamos, sequer, erguer os olhos". Portanto, o negócio é o seguinte: a rotina entrou de verdadeiras na existência humana através das portas do trabalho; contudo, depois de ingressar, parece ser ela quem dita as regras.

É irônico, mas a rotina enraizou-se de tal maneira na alma humana que, às vezes, aderimos a ela quase sem perceber. É claro que, como nos mostra Guy Debord, na maioria dos casos ela se revela uma necessidade intrínseca ao trabalho. Mas, ainda assim, existe algo de cômodo e seguro na boa e velha rotina. Só que de onde viriam essas características? Bem, acredito que venham do fato da rotina nos proteger de acontecimentos imprevistos. Isso, porque, desempenhar tarefas sempre do mesmo modo nos dá segurança, pois não há nada mais garantido do que repetir algo que já se mostrou eficiente. Nesse sentido, a rotina cria uma zona de aparente conforto, onde a vida se mantém estagnada, porém, segura. Uma situação ilustrativa dessa questão é encontrada na fábula "A Construção", último texto escrito (e não finalizado) por Franz Kafka. Essa história é protagonizada por um animal semelhante a uma toupeira, que se dedica a uma rotina diária para construir uma rede de túneis subterrâneos.

Teoricamente, essas escavações a protegerão da imprevisibilidade do mundo exterior. Então, imersa nessa crença, o animal dedica todos os dias da sua vida a tal empreitada. Contudo, a criatura jamais vê evolução na sua existência, pois, repetindo sua sina diariamente, jamais se depara com experiências extraordinárias.

A inércia e a alienação são, justamente,

os maiores perigos da rotina. A repetição sucessiva da mesma tarefa não exige nenhum conhecimento inédito. Por outro lado, quando nos deparamos com situações inusitadas, somos obrigados a descobrir novas maneiras de lidar com o que nos é apresentado. Por isso, é importante romper as sequências rotineiras. Assim, nos confrontamos com cenas imprevisíveis e, por conseguinte, aprimoramos o jogo de cintura do caráter humano.

Equação de quebra da rotina

A regra é clara: depois dos primeiros meses de namoro, os relacionamentos tendem à rotina. Quer dizer, depois que os cônjuges sabem que são amados um pelo outro, as agradáveis citações a Camões e Vinicius de Moraes tornam-se raras. O domicílio conjugal fica burocrático e previsível, como no filme de Truffaut. As surpresas passam a ter data e hora marcada. Já as gentilezas têm que ser requeridas em três vias autenticadas. Estranhamente, isso é mais comum que bala perdida em favela do Rio. Aliás, esse é o caso de um amigo meu – que definitivamente não sou eu. O cara namora uma mulher que tem um tempero a mais: ela sofre de Síndrome de Borderline (uma espécie de Distúrbio Bipolar, só que com crises mais esparsas e radicais).

+

Meu amigo chega em casa, exatamente como faz todos os dias. Sua namorada está o esperando, acompanhada de uma belíssima crise de Borderline. O cara ainda não presenciou nenhum desses ataques. Ele entra no apartamento e, imediatamente, ela grita: "Nós estamos caindo numa rotina! Você não me faz mais nenhuma surpresa! Não sei por que você ainda está comigo!". Os berros atingem nove graus na escala Richter. E o coitado se pergunta se entrou na casa certa. Não sabe o que falar. Contudo, responde o que todo homem diz quando não sabe o que dizer:



"mas, amorzinho, eu te amo!". Histérica, chovendo pelos olhos, ela retruca: "vai se fuder, seu mentiroso de merda!" Ela poderia continuar com as ofensas; vontade e repertório não faltariam. Entretanto, a nervosa namorada faz pior: como um inquisidor ferrenho, começa a destroçar os livros favoritos do homem perplexo.

=

Por incrível que pareça, os dois ainda estão juntos. Muitos homens não levariam adiante um relacionamento desse tipo. Mas, meu amigo levou. Talvez, o amor tenha falado mais alto. Sei lá. O caso é que a primeira crise de Borderline presenciada por ele modificou completamente sua postura diante da namorada. Aquele fato absurdamente atípico fez mais do que apenas quebrar a rotina do casal. Aquele fato transformou o cara num namorado dedicado. Até banho ele toma agora. Além disso, está sempre disposto a surpreender a amada como o Romeu shakespeariano. Dessa maneira, o namoro dos dois já se estende por três anos, sempre regado com jantares exóticos, presentinhos, declarações de amor. Esse é o resultado do rompimento com a rotina. Por isso, brado aqui a dica de hoje: quebre a rotina antes que ela te quebre! //

CIDADE B//



Perfil do mais vibrante dos bairros porto-alegrenses

Texto e fotos:
Felipe Martini
martini.rs@ig.com.br

Conhecendo ainda que a população se inclina a encaminhar a edificação para os lados da Azenha e Rua da Margem, mandou levantar essas plantas, que indicam as novas ruas projetadas nos terrenos compreendidos entre as ruas da Olaria e da Margem, e da Rua da Figueira à da Imperatriz". Essas palavras, extraídas de uma solicitação de arreamento da Câmara Municipal ao presidente da Província, no distante 26 de março de 1856, podem ser consideradas a certidão de nascimento do bairro que hoje constitui o mais efervescente centro boêmio porto-alegrense.

A Cidade Baixa, agora espaço tradicional e conhecido de Porto Alegre, era então nada mais que um baixo terreno ocupado por chácaras e ermos matagais, sujeito às inconstâncias do Arroio Dilúvio, que lhe seccionava, e às águas do Guaíba, que também lhe eram lindeiras. A ocupação da área se deu de forma morosa, ainda que a região formasse óbvia continuação

da península central onde nasceu a vila açoriana e posteriormente a cidade colonial. Surpreende que o "Arraial" do Menino Deus, consideravelmente mais distante do núcleo urbano, tenha sido ocupado mais de uma década antes, o que se deveu aos rigores geográficos e à resistência das tradicionais famílias chacreiras da Cidade Baixa em ceder terrenos ao domínio público.

Os jovens que hoje cruzam as velhas ruas do bairro em busca de diversão, pouco conhecem sua história, e mal saberiam pronunciar os antigos nomes, já quase inteiramente apagados desses rincões da cidade. Onde hoje há um bar; havia uma senzala. No movimentado leito de uma rua, pleno de automóveis e passos, havia o leito do Riacho. Onde há um edifício de apartamentos; morou um príncipe e sua corte. Em outra quadra havia um matagal, refúgio de infelizes escravos fugidos e de criminosos. Sob esses paralelepípedos e praças, se escondem os anos e a vida do Areal da Baronesa, da Emboscadas, da Ilhota. Em uma cidade que teima em

esquecer-se, em apagar-se, em construir-se sobre si própria, a Cidade Baixa não constitui exceção. Mas nem tudo é ouvido nesse bairro. Chegou ao século XXI um expressivo número de construções que resistem ao frenético instinto de modernização dos porto-alegrenses, e basta uma caminhada pela Rua da Olaria (ou Lima e Silva), do Imperador (ou da República), da Margem (ou João Alfredo) ou qualquer outra, para que se possa contemplar as marcas ainda presentes do passado do bairro.

A atual condição de centro de lazer, reassumida pela Cidade Baixa depois da decadência pós-anos 80 de outros pontos boêmios de Porto Alegre, como a Avenida Osvaldo Aranha, semeou bares por quase todas as ruas da região. Em especial as já citadas General Lima e Silva e sua paralela João Alfredo, cujas sóbrias casas do início do século XX, que resistem heroicamente, eram fronteiras ao curso do Dilúvio (com a retificação do Riacho, que encurtou seu trajeto fazendo-o hoje desembocar ao lado do Anfiteatro Pôr-do-



Vida e arte: a simplicidade das roupas de Chaplin combina com a do morador de rua.

Sol, o bairro perdeu seu arroio e a Ponte dos Açorianos, sua utilidade prática). Outra rua de destaque no circuito boêmio da Cidade Baixa é a hodierna Rua da República, que se desenvolve em sentido leste-oeste, ou seja, transversalmente às citadas anteriormente. O movimento nas ruas e bares é constante nas noites do bairro, freqüentada por diferentes perfis da população da cidade, sobretudo pela juventude de classe média.

Também é predominantemente de classe média a população fixa da zona, que, durante o dia, dá outros ares às mesmas ruas, que assumem caráter fortemente comercial, com supermercados, locadoras, lojas de roupas, restaurantes, lavanderias e toda sorte de estabelecimentos direcionados ao público local, variado entre jovens estudantes que por primeira vez moram sós e senhores e senhoras que viram a evolução do bairro. A Cidade Baixa, apesar dos passados expurgos econômicos da população negra, mantém-se relativamente democrática, e tanto seus dias como suas noites contemplam públicos muito variados.

Uma dessas jovens moradoras do bairro, a estudante de teatro Luzia Meimes, comenta sobre a rotina da Cidade Baixa, em comparação a outras regiões menos movimentadas em que morou: "A maior diferença é eu chegar e sempre ter um clima de boemia... Sempre tem gente andando feliz, relaxada, desestressando". Luzia também aponta algumas deficiências do bairro, como o sistema de drenagem pluvial, que, segundo ela, não é suficiente para conter a água das chuvas, e acaba transbordando, exalando odores desagradáveis durante semanas.

A moradora também reclama da falta de árvores, o que qualquer transeunte pode notar caminhando pelo bairro, cuja arborização é escassa comparada a outras regiões da cidade, com a vistosa exceção da Rua da República, inteiramente adornada por imponentes jacarandás.

É considerável o potencial da Cidade Baixa como centro cultural (como sempre o foi, de diversas formas) para além das limitações de mero bairro boêmio. Se o processo de feudalização das cidades latino-americanas, com condomínios



A fachada antiga reclama seu lugar na vidraça moderna.

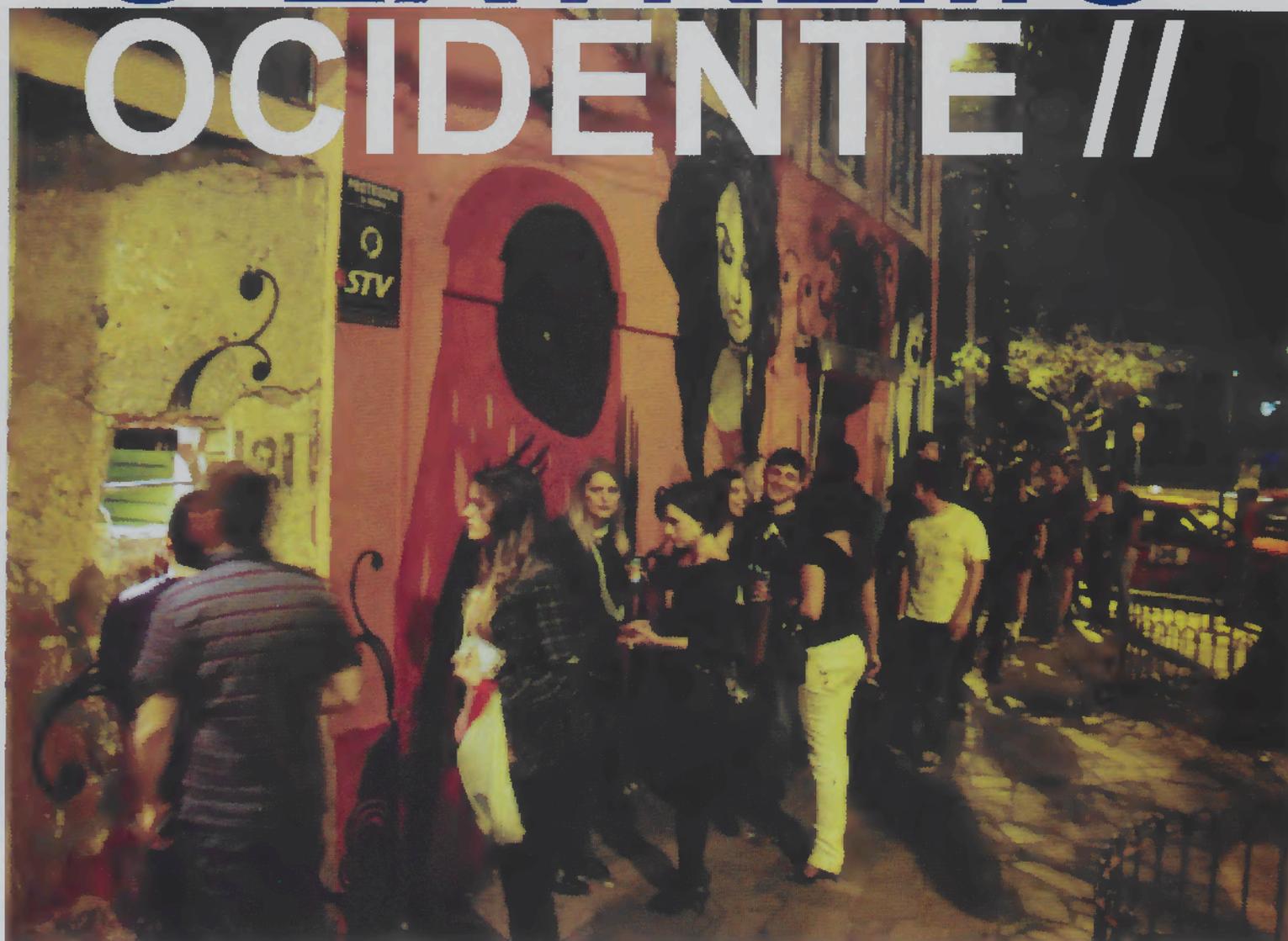


Panorama da Cidade Baixa a partir do Centro, com a rua Lima Silva em destaque.

fechados, *shoppings centers* e transporte individual reinantes, cria uma forte oposição à vida ao ar-livre, esse bairro pode ainda ser visto como um ponto de resistência a tal mentalidade. Os moradores e visitantes da Cidade Baixa ainda têm como palco principal as ruas. Os bares, casas e pequenos edifícios têm como referencial o espaço público, o que já não ocorre em outros bairros da cidade, territórios de cercas e parques privados, de enormes centros comerciais alheios a inseguranças, ao sol do verão e ao frio do inverno, à livre circulação de pessoas indesejáveis e a tudo que não tenha valor econômico. A Cidade Baixa ainda está relativamente aparte desse processo de fragmentação urbana, com comércio, teatro e cinema de rua, com poucos edifícios altos e ruas movimentadas dia e noite.

Se a Cidade Baixa souber sanar suas deficiências (com obras consideráveis de revitalização urbanística e arquitetônica), resgatar sua história e preservar sua identidade como ponto de encontro dos porto-alegrenses, ganharão todos: os moradores, os visitantes de outras plagas e a população de toda a cidade, que poderá se orgulhar ainda mais de seu mais plural e vibrante bairro. //

O EXTREMO OCIDENTE //



Texto e fotos:

Ariel Fagundes - ariel891@hotmail.com

Leandro Rodrigues - leandroheinrodrigues@gmail.com

Sábado para domingo, duas horas da manhã. Apesar de quase não haver espaço para transitar na festa, a fila da bilheteria dobra a esquina da João Telles e adentra a Osvaldo Aranha. Nos perguntamos se aquela trupe de baladeiros superproduzidos conhece a trajetória do lugar ou está lá simplesmente pelo que ele é até hoje: um pólo de diversão, marco da noite e da cultura porto-alegrense. Observando o público, deduzimos que ambas as possibilidades são verdadeiras. Mais ainda: que, ali, diversidades se misturam fluidamente.

Para entender o universo que é o Bar Ocidente, temos que voltar no tempo. Há 30 anos, havia uma carência de palcos livres na cidade, e seis amigos ligados ao teatro tiveram a ideia de criar um ambiente onde pudessem, principalmente, encenar suas peças e oferecer almoços vegetarianos a públicos variados. Um

“bar restaurante com palco”, segundo Fiapo Barth, o único dos fundadores que continua administrando o local.

Para o projeto, procuravam um imóvel com salão amplo que ficasse no bairro Bom Fim. Já estavam quase desistindo quando enxergaram, de um ônibus e por trás de muita poeira acumulada na janela do antigo sobrado de esquina, um anúncio quase ilegível: “Aluga-se”. Após uma indispensável reforma, no dia 3 de dezembro de 1980, o Ocidente abriu as portas daquele casarão do século XVIII à boemia de Porto Alegre.

Árdua rotina

Mas nem tudo aconteceu como planejado. Logo eles perceberam que um estabelecimento comercial daquele porte não se sustentaria apenas com a renda do restaurante e das peças teatrais. A solução foi deslocar o foco das artes cênicas às

musicais, dando espaço a loucas festas e estabelecendo um porto seguro para as bandas locais fazerem seus shows. Não é à toa que o bar foi fundamental para o rock gaúcho, em plena ebulição na época. Aliás, chamar o local de bar não é muito preciso, pois a prioridade nunca foi a venda de bebidas, e sim de diversão. Também não é apenas uma boate, ou uma casa de shows, ou um restaurante. É tudo isso junto, e mais um pouco.

Talvez por isso, o Ocidente sempre tenha sido um sucesso: “O maior problema foi que a casa lotou desde a primeira noite. Não tínhamos tempo de pensar em nada”, conta Fiapo. “Nos primeiros verões, havia racionamento de cerveja na cidade porque a produção ia toda para o litoral. As distribuidoras davam preferência aos grandes compradores e nós, como comprávamos pouco, não podíamos comprar nada. Então o jeito era irmos os seis de carro em todos os supermercados



comprando vinte garrafas num lugar, quinze em outro, já que eles também limitavam a venda por pessoa”.

Quem fazia tudo na época era o mesmo grupo de sócios, que vivia uma maratona constante para manter o Ocidente em funcionamento: “O bar fechava às sete da manhã. Aí tínhamos que sair pra comprar a cerveja daquela noite, voltar pra deixar elas gelando, dormir umas quatro horas, jantar todos juntos e abrir de novo”, lembra Fiapo. Isso sem levar em consideração todo o trabalho necessário para limpar o local a ponto de que fosse possível almoçar ali sem se nausear com o cheiro de cigarro e cerveja choca, comum em casas noturnas.

Ritmo ocidental

Essa rotina que intercala a saudável gastronomia vegetariana com noites lascivas de rock 'n' roll e beberragem permanece atualmente. É o pulsar do Ocidente. Gislaine Ávilas, ou simplesmente Gisa, é responsável pela operação do almoço e coordena as equipes de limpeza e de preparo das refeições. Ela afirma que

não importa o quanto a festa estivesse lotada ou que eventuais danos os clientes tenham causado à casa, “às 11h30min do dia seguinte o salão precisa estar pronto”, ou seja: limpo e organizado.

Isso só é possível porque os funcionários começam a faxina ao nascer do sol. O maior trabalho é lavar o piso - que sempre fica sujo de cerveja e chicletes - e os banheiros, onde a cevada é o menor dos problemas. Afinal, pias e privadas de casas noturnas estão sujeitas a receberem toda espécie de fluidos - sem exceção. E, no caso do Ocidente, muitas vezes é exatamente isso que acontece. Mas nunca houve críticas à higiene do local. Frequentador do bar desde sua abertura, o músico Wander Wildner destaca: “O diferencial daqui é a qualidade. Tu vem almoçar e não imagina que teve 500 mil fumantes na noite anterior, pelo grau da limpeza e o profissionalismo da casa”.

Só tem tanto trabalho porque há programação em quase todas as noites da semana. Às terças-feiras acontece o Sarau Elétrico, espaço dedicado à literatura e artes afins, com a apresentadora Kátia Suman e os escritores Cláudio Moreno,

Luís Augusto Fischer e Cláudia Tajés trazendo um tema novo a cada edição. Às quartas tem teatro, mas, diferente dos auditórios convencionais, lá é possível embriagar a alma com uma peça enquanto embriaga-se o corpo com uma cerveja ou outra bebida, em um clima descontraído, interativo e nada careta. O Ocidente Acústico é na quinta-feira com música ao vivo, preferencialmente o bom e velho rock de bandas autorais.

A tradicional festa “GLS” de sexta-feira é a Ocidente Up, que se tornou símbolo da diversidade sexual de Porto Alegre por não ser exclusivamente lésbica, gay ou hétero. Por muitos anos DJ das sextas, Jimi Joe conta: “Botei som na sexta gay, que eu chamo assim sem preconceito. Acho que fui eu quem criou a sexta gay, inclusive, por volta de 1998. O bar tava fechado e falei pro Fiapo: 'vamos tentar botar um som'. Eu trouxe de casa um aparelho tri bagaceiro e começou a vir gente, que era mais o público gay”. Fiapo completa: “No fim dos anos 90, (no Ocidente) houve uma liberação das meninas que começaram a se agarrar e se beijar de tal forma que os homens gays olharam e disseram: 'por que nós não podemos?'. Mas não foram os gays que se aglutinaram num dia, foi o público hetero que arrepiou e saiu. Nosso público não é preconceituoso, mas aquela situação gerou um estranhamento. Nenhum casal hetero se agarrou tanto aqui dentro quanto os casais gays”.

Fechando a semana, quatro festas diferentes revezam o espaço do sábado Club. A Pulp Friction traz músicas pop, a Blow Up é rock, a Balonê homenageia o passado com clima retrô e a Late Bar é uma festa temática voltada a tributos. Gerente da operação noturna, Maria Cecília Castanheiro, a Cikuta, explica: “Esses eventos são terceirizados e têm outros produtores. De produção do Ocidente mesmo tem o teatro da quarta-feira, as festas da sexta e alguma programação extra que surja”.

Interrupção decisiva

Essa segmentação surgiu com a reabertura do bar. Em 1994, a Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMAM) determinou o fechamento à noite por causa do barulho. Fiapo conta que esse momento foi uma encruzilhada na história do Ocidente: “A SMAM nos cortou o som, e sem isso a casa não existia, era só danceteria. Deixei

um sócio administrando os almoços e fui trabalhar com publicidade, mas ele resolveu ir embora pro Rio. Quando eu voltei, tinha cinco meses de aluguel atrasado e funcionários com dois anos de INSS e fundo de garantia para pagar. Não tinha como fechar o bar, então resolvi reerguer o almoço, que andava mal. Em 1996, reabrimos à noite com música baixinha, vendendo lanches, e aí foi juntando um público”.

A partir daquele momento, Fiapo resolveu fazer do Ocidente sua ocupação principal. Com o movimento crescente, foi possível anexar o imóvel vizinho da João Telles e ampliar a área do bar. Apesar de não ser o proprietário do imóvel, ele pretende fazer melhorias, como instalar um ar condicionado e incorporar as demais lojas do casarão (no térreo funcionam uma barbearia, um sebo e uma butique de artigos orientais), transformando o

local em um grande centro de comércio cultural, com livreria e cafeteria que funcionem simultaneamente aos eventos da casa. Cikuta comenta: “Nem o Fiapo nem seus sócios tinham ideia de que este bar seria um marco histórico, foi tudo acontecendo naturalmente. E até por isso o Ocidente tomou vida própria, ele que conduziu a gente”. Fiapo arremata: “Não somos nós que levamos o Ocidente. Ele é que nos leva”. //

O OCIDENTE É A NOSSA CASA //



TNT, Cascavelletes, Os Replicantes, DeFalla, Engenheiros do Hawaii, Graforrêia Xilarmônica e Nei Lisboa são só alguns dos grandes nomes que passaram pela casa. Músicos que acompanharam de perto toda trajetória do bar, sendo protagonistas de sua história, deram seus depoimentos:

Para **Wander Wildner**, cantor e ex-vocalista d'Os Replicantes, o Ocidente é tão importante que ele afirma: “É a minha casa”. “Antigamente, tinha um sofá de veludo no mezanino e uma vez eu simplesmente não consegui sair e dormi nele. Quando a equipe do bar chegou de manhã, eles me acordaram e tudo bem. Aqui é a minha casa mesmo”, conta.

Não por acaso, foi lá que Wander começou sua carreira musical: “O primeiro show d'Os Replicantes aconteceu aqui, em de maio de 1984. Tinha um palco pequeno de madeira, no mesmo canto onde se fazem os shows hoje, e o pessoal da cozinha, que eram amigos dos donos, nos atirou ovos e tomates. Depois do show, eu peguei um bocal de lâmpada que descia do teto, mas

que não tinha lâmpada, e continuei no palco cantando nele, eu estava feliz. Dizem que o Fiapo me viu e falou: 'olha lá, o Wander vai tomar um choque e morrer em cima do meu palco!'. Aí parece que alguém me tirou de lá.”

Biba Meira é, hoje, baterista da Justine, mas seu currículo inclui a fundação das bandas Urubu Rei e DeFalla e passagens por diversas outras, inclusive Os Replicantes. Ela também frequenta o bar desde o começo: “Eu sempre vim e fiz shows aqui. Além disso, todos os lugares que eu gosto em Porto Alegre ficam nessa região”.

Na sua opinião, “o melhor lugar para tocar é aqui”, por causa da proximidade do público com a banda e das janelas com vista para a Redenção. “Eu detesto bares fechados, e o fato da plateia ficar do lado dos músicos é muito bom. Não gosto tanto de tocar em 'palcoses'”, revela.

Entre as incontáveis loucuras presenciadas, Biba destaca uma bem escatológica: “Teve uma vez que eu vi um cara - que eu não vou dizer o nome porque ele é uma pessoa bem conhecida - tirar as meias e limpar a bunda com

elas porque não tinha papel higiênico no banheiro”.

Jimi Joe é músico, jornalista e radialista e, assim como Wander, considera o Ocidente seu segundo lar: “O Fiapo inventou um lugar que virou a nossa casa. Queira ou não, agora ele tá fodido, vai ter que nos agüentar até o fim da vida”, brinca. Além de ter feito muitas apresentações no bar, foi lá que ele conheceu a única mulher com quem se casou: “O Ocidente é isso: tu vem pra se alimentar e fica pra namorar, ver um show, uma peça ou um filme.”

Apesar de dizer nunca ter visto uma briga no local, houve vezes em que o clima pesou: “Num show que eu fiz com a banda Atahualpa Y Os Panques, a gente tocou uns hardcore, mas era só pancada. O Castor Daudt, que era guitarrista do DeFalla e tocava bateria com a gente, tava pedindo pra acabar o show que ele não aguentava mais tocar. A gente resolveu tocar mais um hardcore. Quando acabou a música, ele jogou as baquetas e os pratos em cima da platéia aos berros: 'Acabou! Não tem mais bateria! Não toco mais!'. E nós: 'Então tá, acabou'”.

NO COMPASSO DO SAMBA //

Texto e fotos:
Caroline Abreu
caroline-abreu@hotmail.com



**“Tinga, teu povo te ama!”
é o sinal. Está na hora de
entrar na avenida.**

“Aquele momento em que apita a sirene e a gente tem que entrar é uma emoção muito grande”, conta Tia Tânia, presidente da ala das baianas. Há 25 anos frequentando a Estado Maior da Restinga, a senhora não esconde o orgulho de fazer parte de uma das mais tradicionais escolas de samba de Porto Alegre. Um lugar onde o carnaval é tempo de festa – mas também de muito trabalho.

Pesquisa, desenho, costura, montagem: apenas algumas das diversas atividades desempenhadas para que a mágica aconteça na avenida. São horas, semanas e meses de pura dedicação. Há até quem diga não ter tempo para curtir o carnaval, tamanho é o esforço que ele exige. Tia Maria do Carmo, frequentadora da quadra há mais de duas décadas, conta que em 2009 as jornadas de costura se estendiam das 9 horas da manhã às 9 horas da noite, de segunda a sexta, desde junho. Eram quatro pessoas trabalhando para que, em fevereiro, todas as fantasias estivessem prontas. Um verdadeiro sacrifício, que só se explica pela paixão ao que fazem.

“Aqui quase ninguém ganha nada, é tudo amor à camiseta mesmo”, revela Tia Tânia. O sentimento de comunidade fala mais alto. Enquanto todos são chamados de “tio” e “tia”, cria-se uma verdadeira família. daquelas cujos membros não conseguem ficar longe por muito tempo, como conta Tia Maria do Carmo: “É uma sensação de quero mais, termina um (carnaval) e a gente já fica querendo o próximo”.

E nem há tempo para esperar. O fim de um desfile é o ponto de partida para o começo de outro, em um ciclo que se repete na tricolor da zona sul desde 1977. A escolha do enredo, feita geralmente em meados de abril ou maio, dá início às atividades. A partir daí, todo o desenho de fantasias, carros alegóricos, escolha de destaques, compra de materiais e execução é realizado. É através da união da grande família da Tinga que, aproximadamente, três mil pessoas desfilam todos os anos, em um espetáculo de música e cores contagiante.

Tinga: construindo e crescendo

Mas nem só de samba vive a comunidade. Ao mesmo tempo em que se empenha na busca de um título no carnaval de Porto Alegre, a escola também oferece alternativas para jovens e crianças do bairro, desde terapias de grupo, realizadas com psicólogas às segundas-feiras, até oficinas de percussão com o Mestre Guto da bateria, nas noites de terças e quintas. Além disso, em um futuro próximo, a quadra deverá contar também com uma sala de informática, que ficará disponível à comunidade. Marco Ceroni, membro da comissão de carnaval e figurinista, explica que essas iniciativas têm como objetivo principal tirar as crianças das ruas. Quando os cursos são oferecidos durante o dia, a cozinha comunitária é acionada para dar almoço aos participantes, chegando a servir até 100 refeições de uma só vez.

Seja devido ao envolvimento na causa social do bairro ou à preparação para o carnaval, uma coisa é certa: a Estado Maior da Restinga é parte importante da vida de cada um que vai lá. Sua história

confunde-se com a de seus componentes, que a acompanham desde a época da fundação, quando a antiga Unidos da Restinga tornou-se Estado Maior, há 33 anos. Marco Ceroni é um dos que estava lá. Da bateria para a direção de ala, passando pela direção, vice-presidência e secretaria geral da escola, ele pôde ver de perto a evolução ocorrida em três décadas. E o que antes era apenas diversão virou coisa séria, como conta Ceroni: “o carnaval pra mim era hobby, agora é profissional”.

Tia Tânia também fez parte desta história. Antes de chegar às baianas, apenas acompanhava o filho que, ainda criança, era rei momo da escola. Assim como a Tinga, ele cresceu: hoje é diretor de patrimônio, responsável pelos instrumentos da bateria - onde conheceu sua atual esposa, mostrando que a família do samba forma continuamente novas famílias. Da mesma forma, cresceu Tatiele. Hoje, aos 16 anos, ela é primeira porta-estandarte, mas desde os 8 atua na tricolor, sempre na companhia do pai, Valdoir Faria, responsável pela harmonia geral dos desfiles.

Valdoir, ex-Bambas da Orgia, conta o que se torna óbvio para quem visita a quadra: “pra nós, o carnaval é o ano todo”. E o que dizer dos momentos finais, em que o trabalho de todo esse tempo é posto a prova? “Tu não imagina o sufoco e a adrenalina que é. Até tu chegar lá, passa por cada uma”, revela Ceroni.

A ansiedade, sem dúvidas, não é pouca. O que está em jogo são meses de trabalho árduo e dedicação. Mas depois dos 90 – como os carnavalescos chamam o momento em que soa a sirene para entrar na avenida – é hora de festa. E de começar a pensar no próximo desfile. //



METROVIÁRIAS //

Deparo-me novamente em frente ao fosso dos trilhos. A distância é pouca, é verdade. Mas o escuro das pedras contribui para a sensação de vala da morte. E uma vez ali, ela não custa a chegar. Os intervalos entre os trens não são tão grandes assim para que seja possível se arrepender e tentar voltar. Pergunto-me quantas vezes os tolos ou tristes pensaram em se atirar dali. Quantos pensam isso durante o dia? Dez? Cem? Mil? Dez mil? Cento e vinte mil? Não importa.

O trem já vem vindo. É melhor embarcar, porque mais de cem pessoas não estão se importando com o fim que vou dar à minha vida, ou se eu existo, ou se eu espero a bezerra pra ir comigo. Somos todos gado à espera do pasto e o caminho para a grama começa logo após a faixa amarela. É o caminho sem volta para todos os dias. Então seguimos.

Está marcado para as 5h06 da manhã o primeiro trem que parte de São Leopoldo a Porto Alegre. Ele levará cerca de 40 minutos para chegar à capital. Mesmo no sentido inverso, poucas pessoas embarcam nessa primeira viagem. Porém, ao longo do trajeto, os vagões começam a ser preenchidos. A cada parada, nos municípios de Sapucaia, Esteio e Canoas, os assentos passam a ser ocupados por estudantes, trabalhadores ou meros viajantes.

A paisagem voa perante meus olhos. Não distingo rostos ou carros. Eles são velozes demais. E eu, com o sono mal dormido da manhã, ou com a fome e a frustração por estar preso em uma bela tarde, ou

com o cansaço e o alívio justo durante a noite, sou fraco demais para dedicar-lhes atenção.

Penso que todos sentem o que sinto. Os velhos oram ou olham pra baixo. As moças dormem. As crianças fervem? Que tanta graça em se pendurar no bagageiro? A sensação única de que cada segundo e qualquer lugar tem uma importância enorme e nunca antes vista, o valor de uma inédita experiência. Eu já vi esse trajeto tantas e tantas vezes. Porto Alegre não vai sair do lugar. Nem São Leopoldo. Nem Sapucaia. Nem a paisagem. Nem Canoas...

Seu Hélio, ao meu lado, parece saber disso. Ele, com suas sacolas e sapatos, além de uma constante agitação de pernas, como eu. Seus olhos oscilavam entre a paisagem, sempre veloz, para que se possa fazer uma melhor compreensão, e as próprias mãos, ou o chão. Por obrigação de tarefa jornalística, ainda que um pouco consternado, perguntei-lhe de onde vinha e o que faria onde desembarcasse. Vinha de Esteio para a capital. Feirante há 23 anos, iria encontrar o filho que morava em Porto Alegre, destino que lhe era bastante comum, já que ambos trabalhavam juntos.

Ainda que possuísse um carro (um Chevrolet, como se referiu a ele, o que só confirmava a impressão de tratar-se de pessoa antiga, mais até que a idade de 68 anos), preferia fazer o trajeto pelo Trensurb. "É mais barato", explicou. "Deixo o carro em casa para a mulher e minha cunhada, em caso de alguma emergência". Talvez essa chance de haver emergência fosse o motivo dos pensamentos de Hélio durante a viagem. "Me preocupo

sim, quando os deixo. Até por isso, uso o Trensurb. É um meio de transporte mais rápido, às vezes o carro enfrenta muita tranqueira". Foi só terminar a frase e dar início a um alarmante pigarrear que o som veio. Aquele som de freio, de atrito. Som de ferro fritando contra o ferro. Estridente, capaz de interromper qualquer que seja o pensamento. Nenhuma mente sozinha é capaz de resistir àquilo. Fones de ouvido, quem sabe. Ainda acho que não.

Seu Hélio continuou. "Pra mim, o trem é só uma passagem, não chega a ser alguma coisa no meu dia. Até porque eu embarco seis vezes por semana". Ida e volta, esqueceu. São 12 vezes. "Pra me distrair eu penso no que eu tenho que fazer quando chegar em Porto Alegre ou qualquer outra coisa..."

Talvez nunca tenha pensado sobre isso, mas seu Hélio Soares sabe que, 68 anos depois, não é tudo o que surpreende ou encanta. Os dias, por mais que contenham relevante quantidade de tempo, e que possam significar tanto na vida de uma pessoa, às vezes passam vazios. Como os prédios nas janelas. E as estações. E também as pessoas.

E são muitas pessoas. Cerca de 120 mil pessoas pegam o Trensurb por dia. Mulheres baixas, altas. Homens feios. Padres. Cristos. Não para Deus, mas em suas próprias vidas. O reflexo profundo, o devaneio triste e o espelho do próprio vidro. A viagem de Trensurb é um momento que quase não se percebe, exceto por um que outro solavanco, ou algum perfume atraente da passageira ao lado.

As moças bonitas sempre protagonizam quando ingressam na locomotiva. Morenas, loiras, negras, claras, jovens, maduras, estudantes, executivas, trabalhadoras ou desocupadas surgem como agradáveis companhias para o público metroviário masculino. Sempre ocorre um flerte durante o trajeto. "Me apaixono três vezes por dia nesses vagões", exagerou-me Jorge Rosa, de 19 anos, que faz cursinho pré-vestibular em Canoas e mora em São Leopoldo.

A bela estudante de odontologia que disse chamar-se Beatriz mora em Esteio e pega o trem todo o dia para assistir às suas aulas em Porto Alegre. Ela revelou que não se importa com a sensação de ser alvo de tantos olhares. "Às vezes fico um pouco constrangida, mas daí eu ignoro", comentou. Talvez ela não saiba, mas esse

seu "ignorar" é o que fomenta o fascínio dos carentes observadores.

Quando o fluxo de usuários aumenta, os intervalos entre os veículos diminuem. Nos horários de pico, só quem embarca nas primeiras estações consegue viajar sentado. É sempre uma disputa quando se abrem as portas do veículo, especialmente na plataforma da Estação Mercado, onde mais pessoas aguardam pelo gigante metálico. "Na disputa pelos assentos é que ocorrem os poucos casos de estranhamento entre os passageiros", indicou-me informalmente Luís Felipe de Almeria, um segurança metroviário aparentando já meia idade, talvez mais de 40 anos.

Aos que não conseguem seus lugares, paciência. Existem barras de ferro (aço?), do chão ao teto, que servem como um poleiro (vertical) para que as pessoas possam se sustentar. Também tem essa serventia o bagageiro, que fica logo acima dos passageiros sentados. Os bancos são dispostos rentes às paredes do trem, para que os que estiverem em pé tenham espaço para fazê-lo. Os "sem-assento" mais jovens, muitas vezes, sentam-se e até mesmo deitam-se no próprio chão, escorando-se indevidamente nas portas. "Por motivos de segurança, recomendamos que os usuários não se encostem nas portas do veículo", soa com certa frequência o aviso através dos alto-falantes dos vagões. Tal conselho, às vezes, não é seguido estritamente pelos usuários.

Também não são muito respeitados os assentos destinados a deficientes, idosos, gestantes e pessoas com criança no colo. Há sempre aquele que prefere não se importar com o que está acontecendo e não cede o lugar a quem mais o necessita. Por outro lado, há também os mais educados que, mesmo nos lugares comuns, abrem mão deles para praticar a gentileza.

Em meio às agitações, destacam-se as crianças, que fervem sem parar. "Cuidado! Vai fechar a porta... Não te agarra aí... Não

vai te machucar... Não incomoda o moço... Te senta, quieto!". Talvez as mães queiram que os filhos aprendam por meio da disciplina forçada o quão pouco representa aquele caminho, sendo totalmente indevida a movimentação exaltada. Que o bom mesmo seria chegar, ou ainda: estar em algum lugar, sê-lo e vivê-lo imediatamente, para que se desfrute a vida em forma de gozo. Ninguém quer ser Trensurb. Ninguém quer ser passagem, ninguém quer ser caminho. Todos vão ao fim.

Talvez por isso que, nesses dias de viagem no Trensurb, os passageiros que mais chamam a atenção não são os pensantes, em reflexo, nem tampouco os vislumbrados com a paisagem. Os melhores são os ouvintes e os leitores. Porque, esses sim, invertem tudo o que há de desimportante no momento e aproveitam cada segundo, cada metro, cada letra, cada frase, cada som, cada nota. Não que as páginas não sejam também um caminho para o fim e nem que os versos não tragam a vontade de escutar aquele belo refrão, mas o valor da arte produzida por nós ajuda a "confundir" a ilusão da passagem do tempo. Tais artifícios tornam uma viagem de paciência e espera em alguma coisa agradável, ainda que passageira. Está estampado no rosto dos que ouvem. O ambiente ao redor, friamente cromado do início ao fim, que remete a uma sensação de metrópole, futuro e dependência da máquina, não chega a tornar-se uma bela árvore, claro. Mas, pelo menos, a frieza e palidez do aço não assustam mais. Os leitores, então, distraídos em ambientes paralelos, em batalhas contra aldeões, em contos de irmã safada, em guerras ideológicas, perdem-se tanto que mal lembram ter destino. Os solavancos, as cabeças balançando, o ranger de roda em trilhos. Pouco os trará de volta e, ainda assim, nada comendo o mundo real. Talvez apenas um acabar de página. E só por pouco tempo.

Não se comparam esses dois tipos com aqueles que estão dormindo. A inconsciência é um narcótico, uma fuga. O dormir está suscetível ao solavanco. E os mais românticos (aqueles que babam) acabam tendo ingratas surpresas no sonho, seja uma cabeçada no vidro, seja uma parada errada. Sapucaia já virou Esteio e a demissão só espera uma cochilada. De sentir pena, esses

zumbis do sono. Não são poucos os que se entregam a fechar o olho em um vagão, mas bem menos do que os que dormem de fato. Em um Trensurb lotado, a cabeça pendente pode ir parar num seio e, sabe-se lá, a reviravolta que poderia ocorrer.

E quando, por ventura, acontece algum desentendimento mais tenso entre os usuários, é melhor que o problema seja resolvido ali mesmo, através do diálogo e entendimento entre as partes. Isso porque os agentes de segurança do metrô raramente participam das viagens. Se uma intervenção autoritária se faz necessária, ela somente poderá ocorrer quando o trem parar na próxima estação.

Nos dias de jogos da dupla grenal, as precauções por parte da instituição se multiplicam. Lógico: por onde passa o fanatismo patológico, sempre há perigo. Monta-se todo um esquema de segurança, aliado à Brigada Militar, para evitar que os grupos mais exaltados das torcidas sejam capazes de agredir alguém com a camisa do time adversário ou, até mesmo, depredar os vagões com atos de vandalismo. "Normalmente se reserva um vagão inteiro para eles, para que fiquem isolados", esclareceu o segurança Luís Felipe. "Não temos como impedir que eles cantem ou bebam no trem, por exemplo, mas acompanhamos de perto até que deixem as estações", explicou.

As viagens são mais tranquilas nos fins-de-semana e feriados. Ou, até mesmo, nos últimos horários do dia, entre 22h e 23h30. Ninguém fica na frente obstruindo as janelas e, em momentos oportunos, é possível até postar-se no vagão de uma maneira mais despreocupada, como com as pernas esticadas no banco, repousando as costas em uma das paredes das pontas e deixando os pés sobre o resto do assento.

O Trensurb cumpre seu papel de estrada e ponte para milhares que se deslocam pela região metropolitana. Os destinos paralelos que nunca se tocam, os cruzados que não se interessam. O trem não é o amigo dos bêbados, nem dos sociáveis. É um amigo do tempo de quem tem pressa de viver, mesmo já estando vivo. Um elevador, uma estrada a pé. Um local de apenas paisagem, e nada mais. Nós somos paisagens. O ferro é a paisagem. Deixem o romance para os bares e os lugares onde as pessoas falam e dizem que vivem, e não para os trilhos. O passageiro do trem chega no momento em que o grito dos freios anuncia a libertação de sua rotina. //



CONVIVÊNCIA ENTRE IRMÃS //

Texto e fotos:

Jéssica Mello - jessicaa.mello@hotmail.com

Karyme Reis - karymereis@gmail.com

Meia-noite. Hora de procurar outro lugar para dormir, pois as portas estão trancadas. Os horários são sempre muito rígidos. Negociação, somente em casos muito específicos.

Seis horas da manhã. Já é possível entrar ou sair e a rotina se inicia. É hora de tomar o café da manhã. Grandes armários de metal separam os utensílios de cada um. Pratos, talheres, copos, xícaras. Tudo individual. Os panos de prato formam um mosaico colorido ao serem pendurados do lado de fora de cada porta para secarem.

Após o despertar do dia, cada um organiza sua rotina individualmente, fazendo sua higiene, tomando café na cozinha, ou até mesmo levantando mais tarde, conforme sua atividade. Na hora de sair, é preciso informar o local onde se está indo. Tudo é devidamente anotado no caderno de controle. Deve-se registrar tanto o destino quanto o horário de saída e de retorno. Em caso de pernoitar em outro lugar, é necessário informar o local e um telefone para contato. Nem todos são a favor do procedimento, mas a grande maioria colabora e a deixa ali anotado seu nome, destino e horários.

Meio dia. Alguns retornam para almoçar. A cozinha fica no primeiro andar, tem dois fogões, armários, muitas mesas e cadeiras, constituindo uma espécie de refeitório. O movimento é pequeno e a maioria se alimenta fora. Em cada andar é possível encontrar uma geladeira e um microondas ao final do corredor. Ao abrir a geladeira, encontramos muitas sacolas de diversos tamanhos com comidas guardadas e com o número do quarto do responsável. Os mantimentos que não estão identificados são colocados no lixo durante a faxina que acontece semanalmente. Alguns não respeitam a identificação: abrem embrulhos e furtam algumas comidas.

No caso das roupas, semelhante situação acontece. Existem máquinas de lavar e tanques distribuídos pelos três andares do prédio. Para estender as roupas, são utilizadas áreas externas, que são chaveadas. A medida de segurança foi adotada após uma série de roubos que aconteciam frequentemente. A direção afirma que isso controlou os furtos. Entretanto, alguns afirmam que, em menor quantidade, os desaparecimentos permanecem.

Sete horas da noite. O movimento se intensifica. A chegada é registrada de forma semelhante à saída.

Dez e meia da noite. Começa o horário de silêncio. Sem conversas altas, sem música, sem movimentação. E quem quebrar a norma é advertido. Não é permitida visita aos quartos; somente mães e irmãs tem esse privilégio. Para quem quiser receber amigos, namorados, existe uma sala destinada para tais encontros. Não são permitidos atos moralmente questionáveis. Todos devem apresentar-se "modestamente vestidos" – inclusive os que estiverem apenas de passagem pelo local. Até os famosos namoricos na frente do portão estão proibidos.

Na Residência Universitária Santa Teresa de Jesus são aceitas somente garotas do interior do estado ou de fora do país que estejam na Capital para estudar.

As irmãs Teresianas gerenciam o lugar a fim de proporcionar às jovens um "ambiente familiar cristão, colaborando assim na sua formação integral", como consta no primeiro parágrafo do contrato de aluguel. A diretora do pensionato, Maria Milan, afirma que não existe nenhum tipo de obrigação cristã por parte das residentes. Cada moradora é "livre" para seguir as crenças que bem entender. Mas, por todo local, é possível encontrar objetos religiosos, como

imagens de santos, bíblias e terços. Na casa ao lado, onde residem 15 irmãs, acontecem missas de segundas a sábados, pontualmente às 18h. As residentes não tem obrigação nenhuma de comparecer, porém serão sempre bem vindas caso queiram participar.

A irmã diretora explica que a casa funciona como uma espécie de «trampolim» para as garotas que vem para a Capital. O tempo de permanência varia bastante, podendo ir de rápidos meses para longos anos. O lugar tem como principal função acolher as jovens, mas tentar encaminhá-las para uma vida centrada, longe dos vícios e pecados, também é uma preocupação das irmãs. O uso de drogas é estritamente proibido no lugar, assim como comportamentos discretos são preferidos. 78 quartos individuais e 4 duplos integram a residência. Além da mensalidade, que só cobre a água e a luz, quem utilizar equipamentos de fora de seus quartos paga taxas adicionais. Máquinas de lavar roupa, microondas e internet exigem pagamento caso sejam utilizadas. No caso da moradora manter em seu alojamento frigobar ou outro utensílio elétrico, pagará R\$ 15 pelo acréscimo que acarretará na conta de luz do pensionato. Na recepção de controle de entrada e saídas, há um caderno específico para reservar horário para assistir televisão, assim como há outro para reservar a sala de computador e a máquina de lavar roupas. A sala de TV é a única que fica aberta 24h e garotas passam a noite inteira no local.

"Existem regras que são necessárias quando há tanta gente junta assim. Acho que o objetivo principal é manter uma certa ordem, pois é bem difícil conviver com tantos costumes e pessoas diferentes", afirma uma das moradoras da Casa Universitária. Salvo as exceções, elas não vêem as restrições como um problema. Evidente que algumas coisas incomodam, mas como numa morada convencional, reclamações são inerentes ao convívio. Ao invés dos pais, as residentes convivem com grandes amigas que ficam para a vida. "As amigas que tu encontra aqui passam a ser tua família". //



CAMPO: O SUSTENTO DA VIDA //

Texto e fotos:
Diego Mandarino
diego86.ufrgs@gmail.com

Jalo está sentado em um caixote de plástico daqueles que usa para carregar as hortaliças até a feira. Ele amarra com barbante cada molho de rúcula, alface ou rabanete. Sentados ao redor dele, seus colegas fazem o mesmo: sua mulher, seu filho, o Seu Luís e o Marivaldo. “Hoje é o nosso dia de correria”, eles dizem. “Temos que preparar tudo para a feira amanhã”. O grupo está reunido quase no fim do caminho, na última horta. Trabalham numa espécie de concentração bem humorada, tranqüila. Além dos horticultores, o assentamento em

Eldorado do Sul, 20 km a oeste de Porto Alegre, tem uma área de 35 hectares de cultivo de arroz e outra grande área para pastagem de gado de leite.

Reparo na grande diversidade de vegetais. Mas não são só verduras; há também chás, temperos e plantas medicinais. A disposição de cada espécie na horta é interessante: numa mesma fileira, por exemplo, um trecho de alfaces, outro de coentro, outro ainda de rúcula. De repente, no meio de tudo, um pé de manjeriço; mais adiante, um mamoeiro. Hortelã cresce entre as verduras. Eles também plantam roseiras no meio da

lavoura. Segundo Jalo, só para o comércio na feira são cultivadas cerca de 40 espécies. Mas há ainda mais espécies dentro da área da horta, levando em conta as flores e as árvores frutíferas que os agricultores têm para consumo próprio. Essa diversidade por si já inibe muitas pragas, principalmente os fungos, que não conseguem se propagar. Para evitar lagartas, a receita é um preparado com álcool e pimenta diluído em água. Contra formigas, basta espalhar arroz ou gergelim preto no carreiro. Nada de agrotóxicos. E funciona. É de se perguntar: como é que isso não é o normal?



Jalo diz que faz feira nas quartas-feiras no bairro Menino Deus e aos sábados no bairro Bom Fim. Por isso, terças e sextas são dias corridos, em que eles acordam às 4 horas da manhã (nos outros dias, acordam entre 6h e 7h; a folga é nos sábados à tarde, após a feira, aos domingos, a rotina é mais tranquila). Começam colhendo as verduras e amarrando cada pé, armazenando-as em caixas. Fazem isso ao longo do dia. Conforme os caixotes vão ficando prontos, eles são empilhados no meio do caminho para posterior transporte até o galpão onde, no final do dia, todas as verduras são lavadas. Mas é tudo feito de forma manual; os caixotes são levados no braço ou no carrinho de mão. Por isso, não se

ouve um barulho sequer de motor por perto e o ar é puríssimo. A única coisa motorizada que eu vejo é o sistema de irrigação da horta. É simples: eles cavaram uma área retangular ao lado da lavoura, onde a água das chuvas fica acumulada - um açude - e instalaram uma mangueira com motor que bombeia a água para os canos por entre as valas da horta e daí para os esguichos de água. No verão, é necessário ligar a irrigação diariamente por 30 minutos, segundo Marivaldo Rivas.

“Mas e nos outros dias?” pergunto, “o que vocês fazem?”. Jalo aponta para frente. “A lona daquela estufa está caindo. Na segunda, eu vou ver se consigo ir atrás de uma lona nova para substituir.” A reposição

precisa ser feita em um dia de sol quente, para garantir que a lona fique sempre bem esticada; se fosse feita em um dia frio, a lona iria afrouxar e provavelmente se soltar. E eles precisam dessa estufa em perfeito estado antes do inverno. É a única maneira de cultivar algumas espécies, como o espinafre, na estação gelada.

Além de cuidar da manutenção das estufas, controlar a irrigação da horta, colher as verduras e as vender nas feiras, os agricultores têm outras atividades. Precisam tratar as mudas, que ficam no chamado “berçário” – uma vaia mais profunda que as outras, com mais água acumulada – e que, quando estão prontas, são retiradas para o plantio. O próprio Jalo prepara o fertilizante que usa na horta. No quintal de casa, em um tonel de latão, ele mistura água, calcário, açúcar mascavo (há uma pequena plantação de cana-de-açúcar no assentamento). Precisa também de algumas pedras que não existem na região. Ele as consegue trocando pelo que produz com mineradores da serra.

A troca do que uns agricultores produzem com outros é algo comum na zona rural. O que precisam comprar regularmente é o material de higiene pessoal. Também compram as roupas, mobília e utensílios domésticos. Para isso serve a renda das feiras. Eles vivem bem: as casas são de material, em bom estado, alguns têm carro, Jalo tem televisão de tela plana e aparelho de som. Não vão ao supermercado. Não comem carne diariamente, mas os ovos e o queijo – muito saboroso – que produzem está sempre à mesa. Por ano, quatro bois do rebanho criado por uma das famílias do assentamento são abatidos e a carne é distribuída entre algumas famílias. Jalo também cria dois porcos. Não existe depressão nem stress. Nem loucura. O que existe é o trabalho na terra, o ar puro e os ciclos da natureza. É preciso esforço e persistência, mas o próprio trabalho mantém a saúde em dia. Aqui não se faz as refeições com pressa.

Gabriel anda comigo pela área do assentamento. O filho de Jalo ajuda na horta durante a manhã e à tarde vai à escola na cidade. Aos 10 anos, nunca foi a um shopping center, do qual ouve muitos de seus colegas falarem, e parece que isso nunca lhe fez falta. O campo o satisfaz. Tem uma bezerra no curral e um fogão feito por ele mesmo no quintal: uma lata deitada, com um cano aberto para cima. Dentro da lata ele põe a lenha e, em cima, o que quer preparar; o cano é a chaminé.



ADMINISTRANDO A SOBRECARGA:

Texto e fotos:
Paula Vieira
paula.jornal@yahoo.com.br

a rotina de uma Unidade de Saúde //

São sete da manhã. Na fila, 38 pessoas aguardam para serem atendidas. Muitas delas dizem ter chegado entre cinco e cinco e meia. Hoje é 13 de maio, dia de programada – o que, na linguagem dos funcionários da Unidade de Saúde Conceição, significa: dia em que são abertas as agendas dos médicos para a marcação de consultas.

Localizada no número 429 da Rua Álvares Cabral, no bairro Cristo Redentor, esta é a Unidade de Saúde mais antiga vinculada ao Grupo Hospitalar Conceição (GHC). Em Porto Alegre, além de Unidades Básicas de Saúde, Centros de Saúde e Programas de Saúde da Família, todos administrados pela Prefeitura da Capital, há também as Unidades de Saúde do GHC, que atualmente são 12 e, como o próprio nome diz, são geridas pelo grupo Federal que mantém uma série de hospitais - Nossa Senhora da Conceição, Cristo Redentor, da Criança Conceição e Fêmina -

na cidade. Mas isso não quer dizer que tais postos não possuam qualquer ligação com a Secretaria Municipal de Saúde.

Por volta das sete e dez da manhã, enquanto tiro fotos da fila, que agora está um pouco maior, uma senhora – Maria de Fátima Pinto de Souza, 56 anos, terapeuta holística – me questiona: “Tá fazendo reportagem? Então coloca aí: quando isso aqui era dentro do hospital, era muito melhor.” Estava frio e chovendo. “A gente não tinha que ficar no meio da rua, na chuva e com risco de ser assaltado.”

Em 1982, um grupo de profissionais que compunha a ala de residência do Hospital Conceição elaborou uma proposta para a criação de uma Unidade Básica de Saúde. De acordo com o Médico de Família José Mauro Lopes, há 28 anos no posto, o projeto nasceu quando, em julho do mesmo ano, após a publicação da norma de criação da Residência em Medicina Geral Comunitária, o GHC resolveu não

mais manter residentes em unidades da Secretaria de Saúde e do Meio Ambiente (SSMA), onde era realizada a parte comunitária do programa. Em 1983, o projeto foi aprovado e a Unidade de Medicina de Família foi implantada nas imediações hospitalares, tendo quatro residentes, entre eles o próprio José Mauro Lopes, fazendo as vezes de médicos contratados, e um chefe, Doutor Carlos Francisco Dora. Eles atendiam 24 horas por dia, inclusive nos finais de semana e nos feriados.

Desde a sua criação, o Serviço de Saúde Comunitária desenvolvido nas Unidades pelo GHC se diferencia por dois fatores. Além de prezar pelo ensino, mesclando as atividades práticas da residência com aulas e seminários, ainda é multidisciplinar, o que significa que as equipes são formadas não só por médicos, mas também por uma assistente social contratada e uma residente, uma psicóloga, quatro enfermeiras e um residente, sete técnicos



As sete horas da manhã, a fila saía para fora do posto. Estava frio e chovia.

em enfermagem, duas dentistas e uma técnica em higiene dental.

A Unidade, porém, mudou de andar várias vezes enquanto esteve dentro do hospital. Em 2004, por determinação da Instituição, uma casa foi alugada nas imediações e o posto foi transferido, o que desagradou muitos pacientes antigos. De acordo com Ney Gyrão, Médico de Família e Gerente do Serviço de Saúde Comunitária do GHC, a medida se fez necessária uma vez que o vínculo físico mantido junto ao hospital causava alguns desvios na forma com que as pessoas interpretavam o papel da Unidade enquanto atenção primária à saúde, ou seja, apenas promoção, prevenção e manutenção da saúde.

O atendimento de fato começa às sete e meia da manhã, embora as portas sejam abertas por volta das sete horas – às vezes antes, dependendo do quão antes do seu horário de trabalho os funcionários cheguem.

Dentro do posto – uma casa de 515,86 m² com dois andares – algumas pessoas, a maioria idosos, aguardam sentadas. Apesar dos cartazes e dos funcionários avisarem constantemente que pessoas com mais de 60 anos podem agendar consulta por telefone um dia antes da programada, muitos, talvez pelo fato da

adoção do sistema ser recente, ainda vão ao posto. A aposentada de 73 anos Norma Otilia Goercke espera conseguir marcar um atendimento para a sua filha. Há mais de um mês a moça de 36 anos sofre com dores em função de duas hérnias de disco. “Eu já conversei com um médico daqui e ele me disse que para conseguir um especialista demora muito. Tem gente que fica até três anos na fila.”

Por determinação do Ministério da Saúde, toda a atenção primária à saúde é de responsabilidade da administração municipal. Isso significa que o primeiro atendimento é feito na Unidade por um médico de família – profissional especializado em acompanhar diferentes gerações de uma mesma família, cuidando desde recém nascidos até idosos, identificando os problemas de saúde mais frequentes em cada faixa etária e sexo. Contudo, quem disponibiliza atendimentos com especialistas é o município.

Todos os dias, das quatro às quatro e meia da tarde, as agentes de saúde do posto reúnem todos os encaminhamentos médicos e ligam para Central de Consultas da Prefeitura, na tentativa de agendar o maior número possível de pacientes por especialistas disponíveis. Acontece que, em alguns casos, a demanda é muito maior do que a disponibilidade de

médicos que atendem pelo Sistema Único de Saúde. Esse é o caso de traumatologistas e cirurgiões plásticos – como observam as agentes Renata Puricelli Sbroglio, 25 anos, e Ana Lucia Branquinho Rahal, 42 anos. “Aqui, somos funcionários do Hospital Conceição. Não recebemos (remuneração) pela Prefeitura. Mas, a principal razão para a falta de especialistas atendendo pelo SUS são os baixos salários pagos pelo município” – a colocação do médico Lopes é confirmada pelo Sindicato Médico do Rio Grande do Sul. Desde 2005, o SIMERS negocia junto à Prefeitura a adoção do piso nacional da categoria (R\$ 7 mil). Segundo a entidade, hoje Porto Alegre dispõe de 1.345 médicos municipais e municipalizados, sendo que os ingressos recebem R\$ 1.409,90 por 30 horas de trabalho, não havendo diferenciação no salário pago a especialistas.

São oito e meia e a fila não parece ter diminuído. Na medida em que uns são atendidos, novos pacientes

chegam. Muitos trazem as carteirinhas dos parentes para agendar consultas, o que é perfeitamente aceitável, já que a Unidade é voltada para a saúde familiar e, assim, os prontuários são separados por famílias. Por outro lado, isso também significa a possibilidade de haver fraudes, já que algumas pessoas tentam cadastrar irmãos, pai, mãe e até mesmo tios não residentes na área como moradores em suas casas.

Na quarta-feira, dia 5, ao meio dia e trinta, horário em que o posto está fechado para o almoço dos funcionários, foi feita uma reunião entre a equipe para discutir os fatores que estariam dificultando o trabalho. De longe, o número de cadastrados é o maior deles. Com dez médicos (divididos entre sete contratados e três residentes), o posto possui aproximadamente 29 mil pessoas registradas, sendo que, segundo levantamento realizado junto à CEEE, estima-se que 45 mil pessoas morem na área de abrangência (67 logradouros espalhadas pelos bairros Vila Ipiranga, Cristo Redentor e Passo da Areia). Isso resulta em um número de pacientes por médico muito maior do que o limite que possibilita que todos os cadastrados consigam ter acesso aos serviços prestados pela Unidade. “A pessoa vai vir aqui consultar sempre com um médico diferente, o que não atende aos princípios



As auxiliares administrativas verificam nas agendas dos médicos se há possibilidade de consulta.

da medicina de família (acompanhamento contínuo do indivíduo e da família)", constata o médico que trabalha há 28 anos no posto, José Mauro Lopes. E o fato de pessoas cadastrarem familiares de outras localidades só agrava a sobrecarga.

Todo primeiro dia útil do mês é feito o cadastro de novos pacientes. E antes que qualquer pessoa possa se consultar, as agentes comunitárias vão até as casas dos interessados para constatar se eles realmente vivem na área. Como nem todos os moradores da casa precisam estar presentes no momento da visita, a estratégia não tem se mostrado suficiente para evitar as fraudes. Fato que talvez pudesse ser resolvido com a informatização da Unidade, facilitando, segundo Lopes, inclusive o trabalho dos médicos.

De acordo com Márcia Chaves Moreira, Assistente Social e Coordenadora da Unidade, a solução para o problema da sobrecarga está na divisão da área. Para tal, se faz necessária a construção de mais uma Unidade de Saúde por parte do Grupo Hospitalar Conceição. Quando questionada, a instituição disse não descartar a alternativa, como afirma o Gerente do Serviço de Saúde Comunitária do GHC, Ney Gyrão: "Existe

uma idéia de que a área de abrangência atual é grande demais para se conseguir um funcionamento mais planejado, e uma das soluções que estamos levando em consideração é o desmembramento da equipe em duas, com prédios diferentemente localizados."

A assistente social Márcia acredita, porém, que uma medida efetiva só será tomada a partir do momento em que a comunidade se mobilizar ao lado dos funcionários do posto. Sempre na primeira e na terceira segunda-feira de cada mês, são realizadas reuniões do Conselho Local de Saúde, composto por três conselheiros titulares representantes dos pacientes e três titulares que dão voz às reivindicações dos trabalhadores da unidade. Mas, tendo em vista que a participação dos moradores ainda é tímida, foi realizado no dia 17 de abril um encontro na Associação Comunitária dos Amigos da Praça Irani Berteli (ASCOPIB), onde além de esclarecimentos sobre o SUS foi reforçada a importância da participação da comunidade na busca de melhores condições de atendimento – um dos princípios do Controle Social do SUS.

Por volta das dez horas, a fila já não existe mais. A marcação quinzenal de consultas ajudou a diminuir a fila que antes dobrava

a esquina. Agora, pessoas esperam por atendimento médico nos bancos do primeiro e do segundo andar. Depois que são fechadas as agendas dos médicos, as auxiliares administrativas disponibilizam pequenos cartazes informando o número de consultas restantes e os dias dos próximos agendamentos. Ao meio dia e meia, o posto é fechado para o horário de almoço dos funcionários, e é reaberto à uma e meia. À tarde, segue o atendimento

médico e a vacinação, que é o único serviço aberto ao público em geral. No final do dia, a Unidade contabiliza mais de cem atendimentos. //





o homem das

LUZES //

Leandro Rodrigues - leandroheinrodrigues@gmail.com

Mariana Müller - marismuller@hotmail.com

Fotos: Bruna Goss - brunagoss@gmail.com

Um tanto quanto libertário e realista, o cotidiano de Santiago é, antes de tudo, iluminado por seu traço.

Em duas horas de conversa descontraída, o cartunista Neltair Rebés Abreu, o Santiago, revelou que tem mania de comprar dicionários, vontade de desenhar histórias em quadrinhos e que se apaixonou por Gaudi "à primeira vista". Lamentou que só se fala em liberdade de imprensa quando a falta dela atinge os grandes e garantiu que o humor está sempre do lado do mais fraco.

- Há uma tradição libertária que devemos manter.

A equipe do 3x4 teve a oportunidade, inclusive, de ouvir uma piada de português do cartunista entusiasmado que já desenhou para a Folha da Manhã, a Folha da Tarde, o Correio do Povo, o Coorjonal e O Pasquim.

Uma foto ao lado de Ziraldo no mural e uma imagem de Che Guevara falavam um pouco pelo homem apaixonado pelo desenho e por, nas palavras dele, iluminar as ideias. Bem humorado, Santiago mostrou uma pasta recheada de rabiscos da infância e da adolescência que eram guardados pela mãe. Na capa, as palavras "desenhos do Neltair" mostram que a família mantinha o nome que foi, segundo ele, fabricado pelo pai. Ao encontrar um desenho diferente, Santiago não se conteve:

- Aqui tem um nu artístico, deve ser da adolescência.

Confira aqui, a entrevista exclusiva.

Desenhar é algo que vem mesmo da infância ou isso é um mito?

Quase todas as pessoas que eu conheço que desenhavam tem uma ligação forte que começou na infância. Toda a criança desenha, existe uma certa busca pela linha. A maioria, porém pára quando desenvolve um certo senso crítico, entre os 7 e 10 anos, mais ou menos. Os que desenhavam bem sentem o contrário. Há um impulsionador, porque existe uma evolução. O desenho daquele cachorro parece cada dia mais com um cachorro, as pessoas elogiam e a criança segue em frente. O desenho é uma necessidade genuína do ser humano, mas de 100 pessoas, 95 param de desenhar. Eu não parei nunca.



E na escola, existia um certo preconceito com os teus desenhos? Como os professores encaravam isso?

A minha experiência na juventude é de ficar rabiscando no canto do papel e tinham professores que chamavam a atenção. Talvez estivessem certos, porque eu realmente não estava prestando atenção na aula. Eu sou dispersivo até hoje. A gente está conversando aqui e eu estou pensando em outras coisas também (risos). Então, o desenho me dispersava barbaramente.

Essa não seria uma característica de

quem cria?

Cabeça na lua, né? Essa tendência a exercitar a fantasia, o sonho, o delírio é dos criadores, sim. O Mário Quintana, por exemplo, era assim, tava sempre com a cabeça na lua.

Conheceste o Mário Quintana?

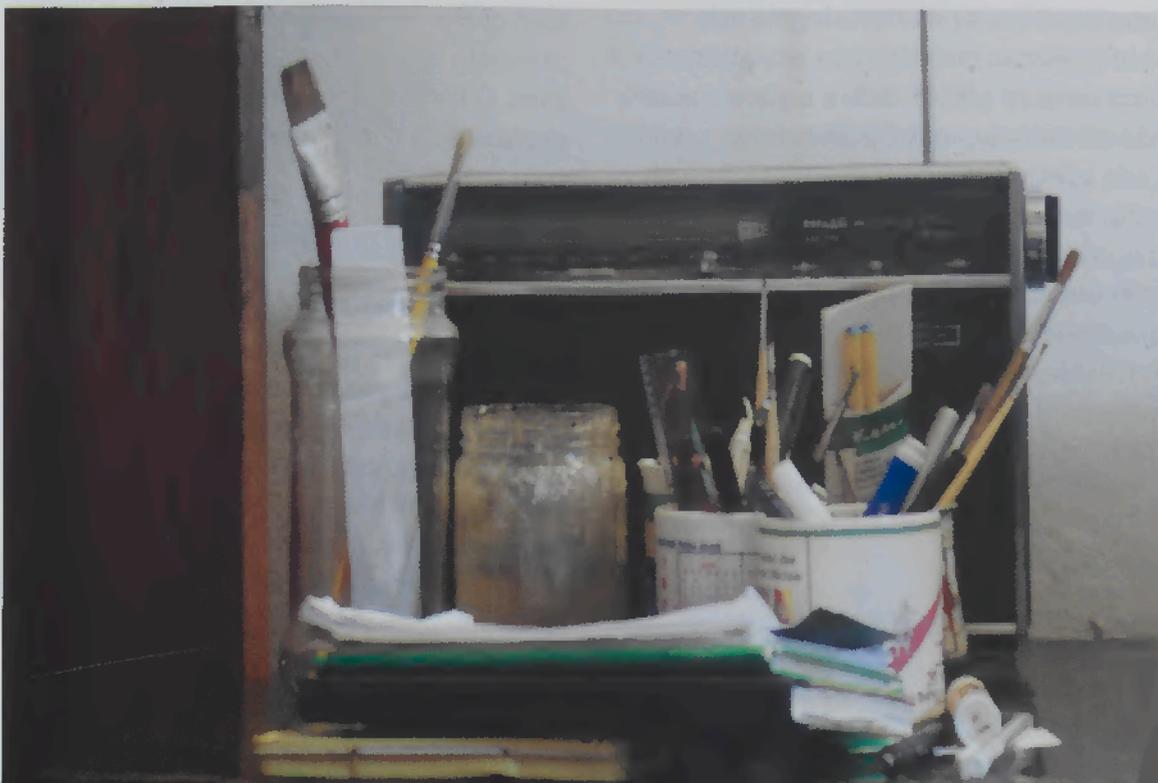
Eu conheci o Quintana, sim. Trabalhei na Folha da Tarde que era co-irmã do Correio do Povo. A gente tomava cafézinho e ele adorava piada. Ele sempre queria saber as piadas novas da cidade e pensava que eu sabia todas. Parava e dizia: tem alguma piada nova aí? Até de português ele queria ouvir!

E como foi o início da tua carreira? Sempre pensaste em viver do desenho?

Eu caí num conto que era muito forte na década de setenta, a história de que todo desenhista deveria ser arquiteto. Aí eu vim do interior fazer Arquitetura na UFRGS. Fiz metade do curso e parei. Não conseguia avançar nas cadeiras técnicas como cálculo e mecânica. Eu avancei nas não técnicas e parei nessas. Paralelamente, comecei a desenhar nos jornais estudantis da UFRGS, um amigo publicou alguns deles na Folha da Manhã e me chamaram para trabalhar no Jornal Folha da Tarde. Eu tinha 25 anos, fui contratado e começava a ver que tinha como viver do desenho. Também estava no Coojornal e, então, desisti de vez da Arquitetura. Primeiro pensava que ela traria a comida pra casa e o desenho ficaria só nas horas vagas. Mas mudou.

Como enxergas o mercado de trabalho para os desenhistas? Melhorou com o passar dos anos?

Na década de 60 e 70 o desenhista era muito usado na publicidade, hoje não. Esse mercado diminuiu enquanto a charge continua, cada jornal ainda tem que ter a sua. Mas o mercado de trabalho não é o suficiente, não tem como ter emprego para todos com dois ou três jornais na cidade. Cada dia tem mais gente talentosa na área, pelo menos aqui no sul, e isso é, em parte, uma herança da Folha da Manhã





que valorizava muito o desenho, acredito. É preciso profissionalizar esses valores.

E como tua família encarou tua opção pelo desenho? Foi tranquilo?

A minha família nunca me disse sim ou não. Meu pai é do interior, de Santiago do Boqueirão, tanto que é daí que vem meu apelido, ele não se sentia autorizado a dizer faz isso ou faz aquilo. Perguntou o que era arquitetura e eu disse, parecido com engenharia. Só ouvi um "tá bom". Quando eu larguei a faculdade nem ele nem minha mãe falaram nada. Mas quando começaram a ver meus desenhos no jornal, foi engraçado. Um dia, meu pai olhou e disse assim:

- E dizer que até te pagam para desenhar esses bonequinhos, hein.

Tu tens uma rotina, como que funciona o teu trabalho hoje?

Eu estabeleço mais ou menos um horário comercial pra trabalhar. Eu tomo café, dou uma olhada no Correio do Povo e às nove horas, mais ou menos, eu estou aqui pra trabalhar. Páro ao meio dia e retorno ali por umas duas. Eu procuro manter um horário de uma jornadinha de umas sete horas por dia para poder dar conta dos meus compromissos. Eventualmente avanço de noite. Mas também tem dias que eu resolvo não fazer nada.

Como é o processo da construção dos teus desenhos? Hoje depende

exclusivamente do computador?

No tempo do Pasquim eu dependia do xerox, que precisava ser retocado. Tinha que enviar pelo correio e era sempre em tamanho A3. Hoje com o scanner tive que me adaptar. Mas continuo desenhando tudo à mão, com aquarela também. O computador é só para os retoques. O esqueleto é feito na mão.

Como foi pra ti sair da Folha da Tarde e do Jornal do Comércio, por exemplo? É uma certa instabilidade comum aos cartunistas?

O Millôr Fernandes diz que o lema do humorista é: trabalha-se para perder o emprego. Eu só fiz isso na vida. No Jornal do Comércio, por exemplo, foram cinco anos, entre 2003 e 2007, mas chegou uma hora que tinha tanta ingerência sobre o nosso trabalho que era quase uma censura prévia. Sobre o governador não podia falar, mas do presidente podia. Cada vez que chegava uma carta de um leitor reclamando eles se desesperavam, isso devia ser motivo de alegria! Culminou com uma charge sobre o lucro dos bancos, que tinha um elefante, aí saí. O humor é irreverente e o lema do humorista é mesmo "perco o amigo mas não perco a piada".

E tu já perdeste algum amigo por piada?

Eu digo isso, mas nas minhas relações

personais não exagero. É num plano maior, no jornalismo mesmo. Caio em cima de governantes e empresários. Perco o emprego mas não perco a piada.

O cartunista tem de criticar tudo e todos, então?

Também não é assim. Não dá pra ser ingênuo e pensar que o desenhista dá pau em tudo e em todos. Ele também filtra. A minha metralhadora é giratória mas eu vou escolher o que quero dar ênfase.

O telefone toca, ele atende e começa a rabiscar.

Sabes que desenho é esse, Santiago?

Isso se chama desenhos ao telefone. É o desenho que vai surgindo na cabeça assim, sem controle. Quase todos os desenhistas precisam de um momento de desenho livre. O traço é diferente. Não estou preocupado com ideias e informações, só com o desenho.

E desenhar, pra ti, significa o que?

A palavra ilustração vem de jogar luzes. E é isso mesmo, precisamos iluminar uma ideia ou jogar luzes sobre um texto. Mas o condicionante é o visual. Não adianta ter uma ideia sem base visual. Com um público mais informado, eu posso usar mais símbolos, mas o desejo é o mesmo. Eu quero que o leitor interprete, entenda. Aí eu sou feliz. //



Jerusa Campani
jerusa.campani@gmail.com

O SOM DO CORAÇÃO //

Para um filho, a voz da mãe é inconfundível, mesmo quando ela vem das mãos.

Renata tem 29 anos, é casada, tem uma filha e é surda. Seu marido, Alexandre, também é surdo. Juntos eles tiveram Ana Luíza, uma menina linda que, diferente dos pais, pode ouvir. O casal não usa nenhum tipo de aparelho de audição e a filha, hoje com 11 meses, ainda é muito nova para falar a língua natural de seus pais – a de sinais. Complicado? Não. Muito simples.

A “entrevista”, na verdade, uma visita à família, foi toda marcada por email, e contou com a ajuda de Susana, mãe de Renata, que deu muita força para que conseguíssemos nos encontrar. Cheguei um pouco constrangida. Com meu pouquíssimo conhecimento em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), tive que apelar para a leitura labial dela e para minha capacidade de entender as mímicas e o alfabeto surdo quando perguntava alguma coisa. Mas o principal eu não precisei perguntar, nem precisei de resposta: o amor é o *som* que paira no ar daquela casa.

O casal, que planejou ter filhos, vive sem grandes problemas. Quando pergunto

sobre as maiores dificuldades, os dois ficam pensativos. Não parecem encontrar grandes desafios para criar Ana Luíza. Alexandre me conta que um dos únicos problemas que tiveram foi descobrir que Ana estava com o pulmão congestionado, eles foram alertados por parentes que perceberam o chiado. Fora isso, os outros sons que os pais precisam escutar (como o choro de Ana no meio da noite) ficam por conta de uma babá eletrônica especial. O aparelhinho tem uma câmera para o berço que vibra com o som do choro. Durante o dia, se Ana está dormindo, eles ficam com o aparelho em contato com o corpo e, à noite, colocam-no debaixo do travesseiro para o caso de ela acordar e chorar. Mas, os pais contam que isso não acontece muito, pois Ana Luíza é uma criança muito tranquila. E foi o que pareceu mesmo. Além de se atirar sorridente no colo da mãe, do pai, da avó e da prima Victória, que passa os finais de semana na casa da família, ela também me deu a chance de lhe fazer um carinho (é difícil resistir a dar umas *bitocas* naquelas bochechinhas rosadas).

Susana diz que os pais surdos realmente tiram de letra o desafio de criar a filha,

ainda mais agora que, segundo Susana, existe mais espaço e oportunidades para eles. Ela me conta que, quando Renata nasceu, as coisas não eram tão simples como são hoje. Por preconceito, ignorância ou seja lá quais outros motivos, médicos e especialistas negavam a surdez das crianças. Como Renata desenvolveu de forma rápida a habilidade de “ler lábios”, ela tinha apenas dez meses, ninguém, nem mesmo os familiares, acreditavam que ela poderia ser surda. Susana teve muita dificuldade em *provar* que a filha não podia ouvir. Os médicos diziam para a mãe que tudo aquilo era ansiedade por ver a menina falando e lhe pediam sempre mais paciência. Mas Susana conhecia sua filha como ninguém, e sabia que alguma coisa a estava incomodando. E, também como toda boa mãe, não desistiu até a diagnosticarem corretamente.

Assim que confirmou suas suspeitas, Susana decidiu colocá-la no Concórdia, colégio para surdos onde Renata aprendeu LIBRAS – a língua dos sinais – peça chave para a comunicação com a mãe. Mas isso era só o começo do desafio. Depois de colocar a filha na escola, a mãe de Renata ainda tinha outra preocupação: o futuro da



menina. Na época, as escolas para surdos tinham a "ambição" de apenas formar os alunos no ensino fundamental, o que já seria um *grande passo*, na ideia delas. Susana, assim como outras mães e pais de alunos surdos, lutou por uma exigência maior dos professores, por entender que sua filha era tão capaz quanto qualquer outra criança e que sua falta de audição não era uma barreira para desenvolver seu intelecto com uma formação escolar completa. Dito e feito: hoje Renata é formada em duas faculdades; é professora e tem uma linda família. Quem dera todos os pais e mães de crianças surdas tivessem a confiança e persistência de Susana.

Renata nasceu surda e estudou em escola para surdos desde muito pequena. Hoje, professora de LIBRAS e de português, comunica-se basicamente pela língua de sinais, inclusive com a filha. Já Alexandre, teve educação em escola normal e, por isso, se acostumou a ler lábios e a falar. Ele tenta ter essa comunicação oral com Ana Luíza, mesmo não sendo sua língua natural. E esse é um pequeno "impasse" na família. Susana também é a favor de *falar* mais com Ana, pois, nas palavras da avó, esse "é o mundo dela". Mas Renata quer que a filha aprenda a língua de sinais e consiga se comunicar com a mãe da mesma forma que se comunicará com os outros, por isso vai acostumando a pequena com seus sinais, sem pronunciar

nem balbuciar sequer uma única palavra.

E Ana Luíza é tão esperta que mostra estar aprendendo. Além de repetir as palavras básicas que uma criança costuma falar com 11 meses, ela também entende alguns sinais da mãe e já se percebe sua pré-disposição para imitá-los. Quando Aninha faz algo errado, Renata lhe lança um olhar calmo, mas de reprovação e, com os dedos em V logo abaixo do próprio pescoço faz um sinal que terá que repetir muitas vezes para a pequena: "não pode". A menina retribui o olhar e logo entende o recado. Mais tarde, sentada no chão com a filha, rodeada de brinquedos e bichinhos de pelúcia, Renata encosta a mão ao lado da testa com os dedos indicador e médio se curvando para cima e para baixo, como o movimento das orelhas de

um coelho (e esse sinal representa mesmo um coelhinho). Depois, com expressão de dúvida, olha para Aninha, dobra os cotovelos ao lado do tronco e vira a palma das mão para cima, como quem diz "cadê?". A menina presta atenção em seus movimentos e se lança sobre a pilha de brinquedos coloridos. Em poucos segundos, ela puxa as orelhas do coelhinho de pelúcia e entrega para a mãe, que vibra com a resposta da filha.

E assim é em toda comunicação das duas: olhos nos olhos, atenção no movimento das mãos e gestos cheios de sentimento. Com os olhinhos claros atentos na mamãe, Ana, curiosamente, coloca a mão no coração por inúmeras vezes, com um lindo sorriso estampado no rosto. Acho que, mesmo não entendendo muito de sinais, entendi o que ela quis dizer.

É engraçado perceber como nossas palavras podem demonstrar o que sentimos. Talvez não se perceba

tanto isso no nosso dia a dia, por elas serem tão facilmente "ditas" o tempo todo por quase todos nós. Mas quando "vemos" isso ao invés de ouvir, quando temos em uma *imagem* o que teríamos em apenas um som, isso se torna, de forma irônica, *gritante*. Num momento tão único como esse entre mãe e filha, fica impossível não compreender o que se passa ali. É um "eu te amo" dito nos olhos, na expressão do rosto e na agilidade das mãos. //





A VIDA PELA ROTINA //

Eduardo Osorio - edudable@hotmail.com

Todas as manhãs, uma das primeiras atividades de Ana* é a mesma. Ela vai até a parede onde está colado um calendário e, com seu filho Breno*, vira a página. É necessário que ela faça isso para que ele possa compreender melhor o dia que terá pela frente.

Breno é portador de autismo, síndrome que provoca uma disfunção global do desenvolvimento, prejudicando sua capacidade de comunicação e interação social. Descrita pela primeira vez em 1943, suas causas ainda são desconhecidas. Embora alguns estudos apontem para uma possível origem genética, não há consenso a respeito disso na comunidade científica.

Viviane Alves Ortiz, psicóloga responsável pela Clínica Espaço Crescer, especializada em autismo, reforça a complexidade da doença. Ela afirma que, em primeiro lugar, é preciso desconstruir o mito que a envolve: o autista é tido como alguém que vive em seu próprio mundo e gosta da solidão, o que, definitivamente, não é verdade. Apesar de sofrer uma dificuldade para se comunicar, isso não significa que ele não perceba o mundo ao seu redor - e muito menos que goste de ficar isolado.

Muitos autistas realmente não falam, porém isso não ocorre devido a uma deficiência orgânica e, sim, cognitiva. Quem sofre dessa síndrome não consegue associar o ato da fala a um mecanismo de comunicação e, da mesma forma, embora o autista possa escutar, muitas vezes ele não compreende o que é dito. Ainda assim, é importante ressaltar que existem diferentes graus de autismo. Há desde casos mais graves, em que a pessoa não fala, tem dificuldade motora e outras deficiências, até quadros mais brandos, nos quais o paciente consegue se comunicar, tem boa coordenação motora e exerce atividades físicas.

Mas um aspecto, em especial, é inerente a todos: sua capacidade de compreensão visual é muito maior do que a auditiva. Por isso, foram criados sistemas alternativos de comunicação, como o PECS, sigla em inglês para Sistema de Comunicação pela Troca de Figuras. Ele é composto por uma série de imagens que representam diversas ações que facilitam o entendimento dos autistas, possibilitando também que se expressem ao indicar suas vontades. Viviane conta que, na Espaço Crescer, cada paciente possui uma tira de velcro onde são anexadas, em ordem cronológica, as atividades do dia. A primeira delas é sempre a "apresentação". Uma figura de um aperto de mãos indica às crianças que é o momento de cumprimentar os colegas. Além de ser uma forma de interação, o PECS ajuda o autista a organizar seus afazeres.

Quando a rotina se faz necessária

Uma questão interessante que poucos sabem: os autistas precisam de uma rotina constante. Suas atividades, tanto durante o dia quanto durante a semana, devem ser sistematizadas. Quando há interferências nos planos, eles ficam desorientados e não conseguem aceitar facilmente as mudanças.

Por isso, na Clínica Espaço Crescer, cada dia da semana é voltado a uma atividade específica. As segundas-feiras são dias de pintura, as terças de colagem e assim por diante. Essa organização é mantida para que os pacientes possam acompanhar tudo sem estranhamento. Às vezes, o processo em si deve ser esquematizado para que o autista consiga realizá-lo sozinho. Para aprender a tomar banho, por exemplo, é preciso ensinar à criança que ela deve lavar todas as partes do corpo em uma ordem fixa. Assim, a atividade é melhor assimilada, tornando possível o banho sem a ajuda de outra pessoa.

Breno não frequenta a clínica durante todos os dias, pois, duas vezes por semana, vai a uma escola regular. Como seria difícil para ele compreender e aceitar quando deve ir à clínica e quando deve ir à escola, sua mãe fixou na parede um calendário com os dias do ano em que cada folha traz a imagem do respectivo lugar onde Breno deve ir. Pela manhã, os dois vão até o calendário e, juntos, viram a página. A imagem, combinada com a explicação da mãe, o ajuda a aceitar melhor a atividade futura.

Mas nem sempre uma solução assim é encontrada. É muito difícil, por exemplo, fazer um paciente entender que não irá à clínica quando é feriado. Se uma criança autista que assiste à televisão sempre após o café da manhã não puder assisti-la em um dia que faltou luz, provavelmente ficará inquieta e terá dificuldades para compreender o que houve.

Desta forma, a realização de algumas atividades torna-se bastante complicada. Viajar é uma delas, já que a viagem é, normalmente, a fuga da rotina. Logo, levar um autista para qualquer passeio mais longo requer certos cuidados. Além das suas atividades normais serem alteradas, todo o ambiente a que ele está acostumado também mudará. Portanto, é necessário prepará-lo para que o impacto não seja tão grande. Uma prática que pode suavizar a estranheza sentida é mostrar, antes da viagem, fotos do lugar de destino. Vendo as imagens, o autista vai se familiarizando com a nova situação e pode aceitar melhor a mudança.

A vida dos autistas está tão voltada para a repetição de suas atividades que acaba por se tornar a própria definição de rotina. E isso não ocorre por acaso. Enquanto para nós a rotina é um elemento constante que pode e deve ser quebrado, para eles ela é o mecanismo que os ajuda a compreender melhor o mundo a sua volta. //

* Os nomes foram trocados a pedido dos entrevistados.



NA CIDADE OU NO MOSTEIRO //

Tchoka, Oryoki, Samu, Nuthu-fungin, Anka, Sangha, Sesshin, Brama, Zafu. Você conhece estas palavras? Se você é um budista praticante, com certeza sim, pois este vocabulário faz parte de sua rotina.

Texto e fotos:
Sayuri Kubo
sayuridk@gmail.com

O budismo é uma religião centrada no homem. Ela afirma que cada um tem o Buda – que significa “o iluminado” – dentro de si e deve buscar o nirvana, ou seja, a iluminação, por meio da meditação. A doutrina foi criada a partir dos ensinamentos de Siddharta Gautama, o primeiro Buda, que viveu por volta de 560 a.C. Ele era um príncipe que nasceu no nordeste da Índia, onde atualmente fica o Nepal. Aos 29 anos, resolveu abandonar o palácio em que vivia para seguir sua busca espiritual. Após se encontrar com um monge, optou por fugir, abandonando mulher e filhos. A lenda conta que, após seis anos de austeridade, Gautama passou por todas as fases da meditação e atingiu a iluminação sentado embaixo de uma figueira. Durante 40 anos, até morrer, ele permaneceu ensinando o caminho a ser trilhado para atingir o nirvana.

Os princípios fundamentais da religião budista são: amor, atitudes de compaixão ou benevolência e comunidade com todos os seres vivos sem ferir, ofender ou depreciar nenhum deles. Há quatro verdades santas no budismo: “toda a existência é insatisfatória e cheia de

sofrimento”, “este sofrimento é causado pela ignorância, pelo desejo ardente ou pelo apego, esforço eterno para encontrar algo de eterno e estável no mundo transitório”, “o sofrimento ou insatisfação pode-se superar na totalidade, é o nirvana” e “consegue-se alcançar o nirvana seguindo o nobre caminho das oito vias”. As oito vias citadas não possuem uma ordem pré-estabelecida, sendo que são elas: compreensão certa, pensamento dirigido certo, discurso certo, conduta certa, esforço certo, vida certa, atenção certa e concentração certa.

Com o tempo, foram criadas diversas escolas budistas. Uma delas é o Zen-Budismo, oriundo do Japão. Dentro dele, existem ainda as linhas Obaku, Rinzai, Sanbo Kyodan e Soto. Em Porto Alegre, há o centro Via Zen, da linha Soto, onde conversei com a Monja Shoden, que me contou um pouco sobre a rotina de um monge zen.

No Mosteiro

Para o budismo, existem os monges e os leigos. Para ser monge, não é necessário um tempo mínimo de prática, e sim ter

vontade de estudar e de se dedicar. Ao manifestar interesse, o mestre ou sensei (professor em japonês) deve aprovar e começar o ensinamento. Tornar-se monge é só o início de uma longa caminhada.

Existem diferenças entre a vida de um monge em um mosteiro ou num centro urbano. O cotidiano de um monge budista da tradição soto-zen japonês no mosteiro exige muitas obrigações.

Entre as 4h30min e 5h da manhã, ele desperta. Faz Zazen – meditação estilo zen, ou seja, sentado sobre a Zafu, almofada redonda –, atividade que se repete em vários momentos do dia. Após essa sessão, vem a primeira cerimônia do dia, chamada Tchoka, na qual são feitas as preces da manhã. As refeições também são momentos importantes da rotina de um monge. O café da manhã é uma refeição formal, nele ocorre a cerimônia de Oryoki. O monge nunca rejeita nada do que lhe é oferecido e não serve mais do que o necessário, evitando o desperdício.

Entretanto, sua vida não é só rezar: a prática do Samu é o trabalho. Neste momento, são realizadas as tarefas de manutenção do mosteiro. Tudo é feito em meditação em movimento, com a



Bandeiras com preces impressas, no Centro de Estudos Budistas Bodisatva

mente focada e em atenção plena. Entre o Samu e o meio-dia, há mais uma sessão de Zazen. Depois dela, é feita a cerimônia chamada Nuthu-Fugin. O almoço é a segunda refeição formal da jornada, quando é realizada a cerimônia de Oryoki novamente. À tarde, o tempo pode ser usado para estudos ou para mais Samu, dependendo da época do ano. Existem diferentes tarefas, como, por exemplo, cuidar da horta, fazer limpeza e cozinhar. Ao cair do sol, há a cerimônia Banka, a última do dia.

Entre 5h e 6h da tarde, o jantar é servido de modo informal. Depois disto, o monge faz Zazen até a hora do descanso, às 9h. Essa rotina exige muita disciplina.

Na cidade

Em um centro urbano, a vida de um monge budista sofre adaptações de acordo com sua realidade. Em Porto Alegre, a Sangha – comunidade budista – é pequena e não possui infraestrutura para manter todos os monges. Cada um mora em sua própria casa e trabalha em atividades diversas, como um cidadão comum. Além de prestarem serviços religiosos e atender à Sangha, oferecendo cerimônias e orientando a prática dos leigos, eles têm profissões e jornadas de trabalho convencionais. Neste cenário, procuram manter suas práticas matinais, acordam e praticam meditação, seguem sua rotina de trabalho, retornam à noite e retomam as práticas religiosas.

Uma opção para quem vive na cidade é o retiro, ou Sesshin, que pode ser feito em centros budistas. Nesse caso, pode-se passar um, três, cinco ou sete dias seguindo a vida tal como ela é em um mosteiro, fortalecendo sua prática.

Em Viamão, região metropolitana de Porto Alegre, há o Centro de Estudos Budistas Bodisatva (CEBB), pertencente ao Instituto Caminho do Meio, onde o budismo tibetano é seguido. Em 1996, a Sangha de seguidores de Lama Padma Samten - cujo nome era Alfredo Avelino, ex-professor de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - obteve a propriedade de um sítio, onde construíram um templo. A partir desta data, foi sendo formada uma comunidade de moradores no local. Atualmente, cinquenta pessoas já adquiriram o direito de construir suas casas no terreno.

O vice-presidente do CEBB, o médico Nelson Morroni, mora na comunidade desde a sua fundação. De segunda a quinta, pela manhã, trabalha em Porto

Alegre, além do plantão que faz a cada dois meses. O resto do tempo ele passa no Centro como um praticante budista. Procura fazer até quatro horas de meditação por dia e cumpre suas funções como integrante da comunidade.

No CEBB, além das casas, há um alojamento que abriga grupos de visitantes que vem para retiros. Logo que entrei, percebi que lá é muito mais colorido do que o Via Zen. Há muitas outras cores vibrantes e as paredes são pintadas com ilustrações dos ensinamentos pregados. Bandeiras com orações estão penduradas em todos os lugares. Há a crença de que o vento leva essas orações, protegendo o local e trazendo paz.

Enquanto muitas religiões enfatizam o papel das divindades, o budismo chama atenção por sua preocupação com a iluminação do próprio homem que o pratica. Existem, sim, Budas e mestres, mas eles apenas são referências que têm um papel mais próximo ao de professores do que ao de entidades superiores. //

CURIOSIDADE//

Por que os monges têm seus cabelos raspados? A monja Shoden, do centro budista Via Zen, explica que é um ato de renúncia. Em todos os dias que terminam em 4 e 9, eles raspam seus cabelos. O exemplo vem de Siddharta Gautama: segundo a lenda, essa foi a primeira atitude que ele tomou quando deixou seu palácio.



UNHAS

Victoria Thibes
victoriajurkfitz@terra.com.br

VERMELHAS //

Convivendo com um câncer terminal

“ Eu não tenho medo de morrer. Eu só quero que me digam ‘tu tem tantos meses de vida’ e poder viver esse tempo do jeito que eu quiser”. Essas foram as palavras de Marilene J. em dezembro de 2007, pouco antes do Ano Novo, já numa cadeira de rodas. Em novembro do mesmo ano, após meses de dor crônica na perna, descobrira que tinha um câncer no fêmur. Era metástase.

De acordo com a irmã Iara, Marilene fumou durante mais de 40 anos de sua vida. “Uns meses antes de achar o tumor na perna, o médico já tinha avisado que ela deveria parar de fumar ou iria morrer”, afirma. Como muitos, ela não conseguiu. E, também como muitos, teve câncer de pulmão.

O diagnóstico foi complicado. Primeiro foram descobertas as metástases (nos ossos do fêmur, íliaco e tibia), depois o câncer primário, que já estava muito avançado para curar. Muitos exames com resultados negativos, inclusive uma biópsia de pulmão. Apenas na metade de 2009, após uma viagem a São Paulo para realizar um exame conhecido como “pet scan” no Hospital Sírio Libanês, descobriu-se que Marilene era mais um caso típico de fumante: câncer de pulmão. Ainda no ano passado, surgiram outras metástases na coluna vertebral e no cérebro. Os médicos e a família já sabiam que ela ia morrer. “Em janeiro (de 2010), o oncologista que tratava ela deu alguns meses de vida, no máximo duraria até abril”, conta Iara.

No início da sua luta contra o câncer, apesar da cadeira de rodas, Marilene comia, ia ao banheiro sozinha, saía de casa. Cuidou de seu sobrinho quando ele foi hospitalizado na ala psiquiátrica do Hospital de Clínicas. Resolveu problemas de seus familiares. Chorou quando perdeu o cabelo pela primeira vez.

Quando foi hospitalizada pela última vez, em 2010, ela era um bebê grande. Usava fraldas, comia comida liquidificada, tomava água de canudinho. Não tinha mais forças

para levantar um copo ou abrir a carteira, muito menos se levantar. Quando ainda estava em casa e seu cachorro, aflito e estressado, subia em cima dela e rosnava para quem chegasse perto, ela não podia fazer nada. Quando sentia muita dor, pedia socorro à mãe, falecida em 2006, com quem viveu a vida toda.

A última hospitalização

Na ala de câncer do Hospital Santa Rita, na Santa Casa, ver pessoas de fraldas não é incomum. Quase todos ficam deitados em suas camas durante o dia inteiro, carecas, olhando televisão na companhia de seus familiares. Marilene não foi diferente.

Por precisar de cuidados constantes e ter uma família pequena, foi contratada uma enfermeira para passar as noites com ela no quarto. Gê, como era chamada, sempre foi muito carinhosa: chamava Marilene de “minha Barbie” e cuidava para que ela comesse, bebesse e tomasse todos os remédios, segundo Iara. Durante o dia, a enfermeira era substituída por parentes da paciente, normalmente sua irmã ou alguma de suas sobrinhas.

Os cuidados necessários a um paciente com câncer terminal são muitos. Devido aos tumores no cérebro e na coluna, era preciso prestar muita atenção às dores e pedir ajuda às enfermeiras com rapidez. Mas como nem sempre elas são suficientes para atender andares inteiros dos hospitais, especialmente aos finais de semana, os doentes podem sofrer muito. Eles não têm forças para apertar a campainha ou mesmo para gritar. Se estiverem sozinhos, não lhes resta opção senão conviver com a dor.

Além disso, é preciso ter muito cuidado com a pele que fica em contato com a cama. O paciente fica deitado o dia inteiro e pode criar escaras, feridas profundas decorrentes do repouso constante. Caso sejam ignorados, esses ferimentos podem se tornar infecções. Para evitar esse tipo de problema, é necessário passar um remédio para a pele em regiões como as nádegas,

braços, pernas e a cabeça.

Sua irmã lembra que, por causa do tumor no cérebro, Marilene não podia se deitar completamente. A cama devia estar sempre levemente inclinada para o que o sangue não acumulasse na cabeça. No entanto, isso não a impedia de sofrer constantes dores e, eventualmente, perder sua memória.

Com a quimioterapia, ela ficava sempre enjoada logo depois de comer. Durante a tarde, vomitava várias vezes. Por causa disso e dos remédios que tomava, chegou um ponto em que mal colocava uma colher de comida na boca. E, por causa da fraqueza, comia cada vez menos. Precisava de constantes doses de soro, se alimentava basicamente de refrigerantes e de pequenos pedaços de chocolate, que deixava derretendo na boca.

Mas como se preparar para a morte? Como se despedir da família?

Ao longo de dois anos lutando contra o câncer, Marilene foi perdendo aos poucos. Não tinha mais forças, não comia, não tinha cabelo. Não se preocupava mais com a higiene pessoal simplesmente porque não conseguia tomar esse tipo de cuidado.

Ela nunca deixou um testamento, mas Iara conta que, uma semana antes de morrer, ela ainda tinha esperanças de receber a visita de um de seus sobrinhos favoritos, Daniel, que vive no Rio de Janeiro. Queria beber uma cerveja com ele. Não houve tempo. Marilene, que raramente falava da morte, em fevereiro, deu o seu último suspiro.

Quando isso aconteceu, seus rins não funcionavam mais, o que fez com que seu corpo ficasse muito inchado, deformando o rosto. Ao prepararem seu corpo para o funeral, sugeriram usar maquiagem, mas a irmã não deixou. Teve apenas um pedido. Marilene sempre foi muito cuidadosa com as unhas, eram o seu orgulho. A voz rouca e as rugas, provindas do cigarro, não lhe davam mais uma aparência feminina. Mas as unhas, vermelhas, lhe acompanhariam ao túmulo. //

PAGANDO PARA VER: a nova realidade do pôquer

Texto e fotos:

Chico Guazelli

chico.guazzelli@gmail.com

não consiga se controlar e transmita informações. Eu uso isso”, revela.

Sobre a mudança da imagem social do pôquer, Índio acredita que as pessoas mudaram seu ponto de vista: “O pôquer respeitado hoje como esporte é [a modalidade] Texas Hold’em, um jogo de cálculo matemático e reação do adversário com transparência e estrutura por trás. O que a gente conhece por filmes, é o Five Cards, onde havia roubos, trapaças e cartas na manga. Não é mais assim, os torneios são muito técnicos e o poder aquisitivo não influi. Nenhum jogador investe mais do que o *buy-in* [taxa para entrar na competição], é todo mundo igual. Hoje, o pôquer é representação matemática”. Mas ele admite que existe preconceito contra o jogo, o que prejudica jovens jogadores: “Muitos pais vêem como vício ainda e o pôquer requer muita dedicação”. Essa falta de estímulo em muito se deve a falta de uma legislação que regulamente a atividade.

Índio entende que o pôquer envolve o fator sorte tanto quanto o futebol. Para ele, é um jogo que depende do controle do jogador – principalmente financeiro, como em qualquer profissão – e raciocínio lógico do participante para saber quais são suas possibilidades em uma rodada. E é parte importante de sua vida: “Eu vivo pôquer. Leio, estudo e o utilizo nas minhas palestras e na minha profissão principal”. Foi de tanto vivê-lo que Índio acumulou grandes resultados: nos últimos 29 torneios de que participou, chegou à mesa final em 21 deles. Além disso, está na liderança do ranking de pontuação do Ypiranga Texas Club há três temporadas “Estatisticamente, isso foge a qualquer possibilidade de sorte”, salienta o jogador.

No Brasil, acredita-se que existam cerca de 200 mil jogadores de pôquer ao vivo, chegando, talvez, a um número próximo de um milhão de competidores online. É uma nova rotina que se espalha pelo mundo e surge com muita força por aqui. Em outros países, jogadores famosos são tratados como os astros do futebol, recebendo assédios e patrocínios de sites especializados e diversos produtos. E todos os dias mais jovens, senhores, homens e mulheres dedicam tardes, noites e manhãs em mesas e computadores praticando o pôquer. //



O pôquer já é uma febre mundial. Antes notável pelo caráter folclórico de jogo de azar praticado em obscuros ambientes envolvendo atmosfera sinistra e trapaças, hoje ele conquistou inúmeros adeptos, bem como programas na TV e, até mesmo, um espaço na sociedade. Nos Estados Unidos, Canadá e Europa, por exemplo, inúmeros são os jogadores mundialmente conhecidos. O Brasil segue estes passos, considerando o pôquer um jogo de habilidade, praticado em clubes, representado por federações e com grandes torneios nacionais realizados periodicamente.

Um exemplo deste fenômeno é Wellington Tomaz, vulgo Índio ou Índio-Falcon (nome usado na Internet), empresário e consultor empresarial de 34 anos. Paranaense que reside em Porto Alegre, ele pratica o jogo diariamente desde que o conheceu, há dois anos. Índio tem convicção de que o pôquer pode ser visto como uma opção profissional: “Se você souber administrar, é rentável”. Segundo ele, 150 jogadores brasileiros vivem exclusivamente desta profissão, o que não é o seu caso. Apesar de já ter ganhado R\$ 15 mil desde o início do ano com o jogo, a maior parte de sua renda vem de outras atividades.

Três vezes por semana, Índio frequenta o Ypiranga Texas Club, localizado no bairro Moinhos de Vento, da Capital. Os torneios são realizados nas segundas, quintas e sábados e, normalmente, começam às 20h e se estendem a madrugada inteira. As partidas têm até dez horas de duração.

Ele revela que hoje participa somente dos torneios mais lucrativos, mas, no início de sua atividade, participava todos os dias. E sua rotina no pôquer vai além dos jogos ao vivo: Índio joga em torneios online diariamente, em sites como FullTilt e PokerStars. É nesse tipo de competição, inclusive, que a maioria dos jogadores consegue maior retorno financeiro.

Isso não acontece com Índio, que compete em diversos torneios pelo Brasil, entre eles o Brazilian Series of Pôquer, que está na sua 5ª edição e percorre o país ao longo do ano. Na etapa de abril, realizada em Florianópolis, Índio ficou na 64ª colocação dentre 535 participantes. Esses campeonatos chegam a durar quatro dias, nos quais os competidores passam mais de 10 horas jogando. Verdadeiras maratonas que exigem preparo: “Eu fico escutando música [no tocador de mp3], pois os torneios são muito longos, duram até 13 horas. Eu descanso bastante antes, faço uma alimentação leve. Nem jogo na Internet para não me desgastar”, conta Índio.

Sobre sua estratégia, ele afirma que analisa os cacoetes dos adversários, em especial daqueles que usam óculos escuros e boné. “Os óculos são para esconder a expressão. Toda pessoa sob pressão reage! Eles são usados para esconder a reação a uma mão boa ou ruim. Está sendo até contestado, estão pensando em banir isso do pôquer”, comenta. Segundo ele, alguns jogadores procuram descontraír durante um torneio, conversando e provocando durante as rodadas. “Isso é uma técnica para você fazer com que o outro perca a atenção,



Larissa Winge Piazzzi
larissawpiazzzi@gmail.com

VOANDO ALTO //

Viajar é muito bom. É tão bom que tem gente que escolhe a viagem como profissão. Pilotos e comissários de bordo passam grande parte do seu tempo no ar - e têm uma rotina imprevisível. Eles vivem para voar.

Para ser piloto, há grande exigência de amor e dedicação pela profissão. A responsabilidade sobre toda a tripulação cai sempre nos ombros do comandante e do co-piloto. A profissão mais cobiçada da aeronáutica exige concentração, autocontrole, raciocínio rápido e agilidade. Apesar da evolução tecnológica e de muitas atividades desse profissional terem sido substituídas pelo piloto-automático, ele ainda precisa controlar o sistema e determinar parâmetros.

O co-piloto da Webjet, Alberto Dias, começou cedo. Com 12 anos, já estava em um aeroclube. Aos 16, iniciou o curso teórico e, em seguida, o curso profissionalizante. Formado, ingressou na companhia regional NHT e dois anos depois foi contratado pela Webjet. Dias conta que, apesar de receberem uma planilha com os voos que farão, a rotina de quem trabalha com aeronáutica não é nada fixa. E o tempo de trabalho é extenso. Conforme a regulamentação, pilotos e co-pilotos voam em média 85 horas por mês e 230 horas a cada trimestre. André Bombardelli, co-piloto da Gol, conta que a empresa divulga mensalmente uma escala com as folgas regulamentares e que sua programação

é feita a partir dela. Segundo a legislação, um comissário de bordo não pode ultrapassar 176 horas de trabalho ao mês. Além disso, quando pernoita em alguma cidade, a companhia aérea deve bancar todas as despesas de hospedagem e alimentação.

Já a profissão de "aeromoça", apesar de símbolo de elegância e glamour, não é tão maravilhosa assim. Os comissários de bordo não são responsáveis só por atender os passageiros, como alguns pensam. Eles estão ali para garantir a segurança e o bem-estar de quem está voando. É sua função checar as máscaras de oxigênio e os coletes salva-vidas, demonstrar o uso desses equipamentos e o que fazer em caso de emergência, verificar a inclinação das poltronas e o uso do cinto e transmitir informações sobre o voo. Preparados para imprevistos, eles devem estar sempre atentos para qualquer situação inesperada. Além disso, não podem perder o bom humor nem entrar em conflito com nenhum passageiro. O trabalho pode ser simples e tranquilo e, muitas vezes, é interessante não ter que passar o dia em um escritório tendo o privilégio de viver sem rotina.

O comissário de bordo Victor Augusto Torres afirma que a TAM, companhia

na qual trabalha, também cumpre a legislação. A média dos comissários é de 11 horas de trabalho diário, sendo nove horas e meia de voo. Por semana, o máximo são cinco pousos. O pernoite deve ser de, no mínimo, 12 horas, mas alguns são mais extensos. Torres conta que há vezes em que fica quase um dia inteiro na cidade.

Comandante da TAM, Paulo Brasil tem 52 anos de idade e 25 de profissão. Sua formação foi feita no Aeroclube do Rio Grande do Sul e concluída na Escola Varig de Aeronáutica. Ele afirma que é difícil lidar com a instabilidade do cotidiano de quem vive "no ar", mais ainda depois de um tempo de profissão. "No começo, somos mais novos e entusiasmados. É interessante viajar e tudo mais. Com o passar dos anos, a gente quer ficar um pouco mais em casa. Mas temos consciência de que faz parte da profissão essa rotina, com folgas no meio da semana enquanto todo mundo está trabalhando, por exemplo. A família acaba se acostumando com isso, mas é diferente mesmo".

A alimentação a bordo não é das melhores, mas todas as companhias devem estabelecer horários para três refeições diárias. Se os funcionários



Co-piloto atual da WebJet, Alberto Dias iniciou sua carreira na NHT. Foto: Arquivo Pessoal.

estiverem voando durante a hora do café da manhã, almoço ou jantar, a comida embarca junto e os pratos quentes são servidos no ar. Mas o co-piloto Alberto Dias tem suas reservas: "Sempre tem café da manhã, ainda assim eu levo uma maçã, uma banana, uma granolinha, sabe? Se não tu não aguenta", conta.

Questionado sobre como a falta de rotina fixa afeta a qualidade de vida de um piloto, o comandante Brasil destaca outra questão: "Pode ser complicado estar acordado na hora em que todo mundo dorme, por exemplo. Mas como é profissão, a gente contorna", diz. Para o co-piloto Bombardelli, quem trabalha com aeronáutica deve se policiar, pois, na falta de rotina, o corpo pode sofrer. Para ele, pilotos e comissários de bordo devem, mais do que qualquer outra pessoa, se alimentar bem, descansar e praticar esportes.

Nas equipes de tripulantes, sempre há rodízio. Na Webjet, por exemplo, são tantos funcionários que, muitas vezes passam meses até que duas pessoas voltem a voar juntas. Na companhia, são cerca de 100 pilotos, 100 co-pilotos e 500 comissários de bordo.

Sobre as relações pessoais, o comissário Torres afirma que não é fácil, mas acaba acostumando. Já Alberto Dias enfrentou problemas pessoais recentemente por causa da profissão. "As questões afetivas são complicadas. Namorei cinco anos e, quando comecei a voar, não deu mais", revela.

Gerson Levis, piloto da NHT e ex-

funcionário da Varig, acredita que seja muito importante para os pilotos terem uma relação amorosa estável devido à tamanha exigência de tranquilidade e concentração da profissão:

Uma coisa fundamental é estar bem casado, tem que ter uma cúmplice pra toda hora. Porque enquanto a gente sai pra fazer o vôo tem que estar tranquilo. No

começo, na linha nacional, eu ficava cinco dias fora. A gente era bem mais novo, estava construindo, adquirindo, criança em colégio, aquela coisa. Então a minha mulher, além de ser minha namorada, era guarda, motorista, enfermeira, mãe e, quando chegava o marido cansado, ainda tinha que ter paciência. A maioria dos pilotos bens sucedidos casaram direito, mas porque a vida impõe isso.

O comandante Levis trabalhou na Varig de 1973 até a falência da empresa. Para ele, já não há tratamento como o que era dado pela companhia aérea gaúcha: "Até o encerramento da Varig, além da relação com os funcionários, eu destaco o tratamento da empresa com os passageiros. A gente era produto disso. Havia um intercâmbio, tu era um embaixador do nome Varig, conhecido pelo mundo todo". Segundo ele, o treinamento era do mais alto nível técnico e profissional possível: havia uma forte preocupação com os funcionários e suas famílias. Para ele, todo o prestígio que a aeronáutica brasileira possuía terminou com a falência da Varig. "Hoje em dia não tem mais o amor à camiseta, a popularização obrigou isso a acontecer. O profissional tem de fazer apenas o básico", relata o saudoso comandante. //

QUER VOAR POR AÍ? //

Para tornar-se comissário de bordo, é necessário passar por um curso de aprendizagem e, depois, ser aprovado no exame da Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC). Nesses cursos, que podem durar de 4 a 6 meses, o estudante aprende regras de etiqueta, lições sobre direito trabalhista, saúde e higiene. Em alguns casos, aprende até mesmo como realizar um parto, combater incêndios e sobreviver na selva. Só depois disso, o funcionário pode ingressar em uma companhia aérea. Empregado, participará de um curso em solo de instruções teóricas e práticas sobre o avião específico em que vai trabalhar. Em seguida, o comissário deve estagiar na empresa e realizar o cheque (exame prático) aplicado por profissionais da ANAC. Aprovado nessa etapa, encaminhará a expedição da licença e do Certificado de Habilitação Técnica e, apenas com eles, o comissário poderá trabalhar regularmente.

Para atuar como piloto e co-piloto, é preciso enviar seu currículo para a ANAC, que possui certos requisitos para a concessão da licença. Os candidatos devem preencher especificações como idade, escolaridade, conhecimento, experiência, instrução de voo e aptidão psicofísica. Suas condições de saúde devem ser avaliadas periodicamente, de acordo com o tipo de licença requerido. Os cursos de pilotos exigem formação teórica e prática, sendo essa última realizada em escolas e aeroclubes. O investimento gira em torno de R\$ 70 mil.

O Sindicato Nacional de Aeronautas estabeleceu pisos nacionais para ambas as profissões. Pilotos de aviação comercial devem receber salário mínimo de R\$ 2 mil para 54 horas mensais em voos diurnos. Para os comissários de bordo, o valor é de R\$ 1 mil para o mesmo tempo.

No Brasil, atualmente as três maiores companhias de aviação são TAM, Gol e Webjet, sendo que as duas primeiras fazem voos internacionais. O Rio Grande do Sul é famoso por formar jovens pilotos e foi onde surgiu a primeira Faculdade de Ciências Aeronáuticas do país, na Pontifícia Universidade Católica.

Arte em foto por Mateus Delazeri (mateusdlzr@gmail.com)



ENTRE PIXELS E TWEETS //

Texto

Maria Fernanda Cavalcanti

mariafernandamc@hotmail.com

Novos relacionamentos, contatos e atuação profissional, compartilhamento de ideias sem barreiras físicas ou temporais.

Independente do motivo, a sociedade pós-moderna vive a realidade da grande ascensão das redes sociais no convidativo

universo da Internet, que está moldando as rotinas de milhões de pessoas a cada minuto. No caso do Brasil, 46,8 milhões de pessoas. Recentemente, o país figurou no topo da lista dos países que apresentaram maior crescimento de acessos a redes sociais, segundo o *Ibope Nielsen Online*. Na pesquisa, a subcategoria Comunidades – que inclui redes sociais, blogs, bate-papos,

fóruns e outros sites de relacionamento – registrou 37,9 milhões de usuários brasileiros. Isso significa que mais de 80% dos internautas ativos do país utilizam sites como Twitter, Facebook e Orkut.

Esses números começam a mapear um novo e importante grau de envolvimento que os internautas estão estabelecendo

com estes sites todos os dias. Os blogs e as redes sociais representam muito mais do que simples canais de comunicação, pois permitem a cada usuário escolher quem quer “seguir” e, assim, filtrar notícias e informações de fato relevantes e que podem alterar seu cotidiano. Como se as notícias fossem feitas particularmente para ele. “É uma nova rotina social que começamos a ter. Mudamos a vida pela rede e a rede é alterada pelas nossas vidas”, explica o doutor e professor de Comunicação Digital da PUCRS, Eduardo Pellanda, que também coordena um projeto sobre o tema em Porto Alegre. Ele afirma que hoje as pessoas carregam a Internet para todos os lugares graças às tecnologias móveis, como celulares, notebooks e câmeras 24 horas conectados à rede, o que lhes permite sociabilizar e trocar informações simultaneamente. “Não há mais fronteira entre virtual e real”, esclarece.

É exatamente esta a proposta da plataforma coordenada pelo pesquisador, onde os usuários podem interagir postando e pesquisando informações instantâneas e contextualizadas ao espaço físico em que se encontram. Se estiverem no bairro Partenon, por exemplo, conseguem acessar a plataforma de qualquer ponto em seus celulares e descobrir o que está acontecendo na região exatamente naquele dia e hora, ou se alguma rua está bloqueada devido a obras. A partir das informações, os usuários podem programar suas atividades no bairro, alterar seus itinerários e postar novos acontecimentos e dicas sobre a área. Com isso, vão surgindo novas formas de se relacionar com o espaço, com as outras pessoas e esta fusão entre as realidades virtual e real vai se ampliando.

Pellanda chama atenção também para a necessidade de criar, cada vez mais, filtros na Internet, já que “a rede é informação

pura e precisamos absorver somente aquilo que realmente é relevante para nós”. Nesse quesito, a publicitária Desirée Marantes é *expert* e sabe bem o que é ter sua rotina fluindo de acordo com os movimentos da grande rede. Há mais de 15 anos, trabalha com Internet, foi integrante do grupo de teste da Conex (provedor comercial de Internet pioneiro no estado e hoje parte do Grupo Terra) e atualmente coordena uma equipe virtual em uma agência de pesquisa de

nos encontrar e ‘socializar’ indo a algum boteco, ou o pessoal vem na minha casa e a gente joga Beatles Rock Band”, explica a publicitária, referindo-se ao videogame em que a pessoa simula ser um *rock star*.

Além do trabalho, Desirée divide suas dez horas diárias *online* para manter seus perfis particulares no Facebook e Twitter, que usa para saber o que os amigos andam fazendo e o que está acontecendo pela cidade. Além disso, posta vídeos, músicas e informações sobre sua banda, Camboja

Motel, no perfil do MySpace. E é aqui que a convergência do espaço virtual com o real se revela, mais uma vez. A publicitária, assim como milhões de pessoas vêm fazendo ao redor do mundo, alinha seus interesses e sua rotina da vida física ao espaço virtual da Internet, sempre no intuito de agregar conhecimentos que não poderiam ser passados de outra forma senão através das redes sociais e blogs. Como exemplo, ela cita o perfil no Twitter que o seu grupo mantém ativo todos os dias com os principais diálogos virtuais que ocorrem entre eles e que, claro, gostariam de dividir com os demais integrantes da equipe e seus seguidores.

“Não dá para imaginar a vida sem Internet. Eu acredito que os seres humanos têm evoluído mais rapidamente em várias áreas devido a essa troca de informações que ela possibilita e isso só vai aumentar”

tendências. Sua missão diária é justamente vasculhar o universo digital em busca de informações relevantes e inspiradoras para os diferentes clientes e para os outros colaboradores. Muitas vezes, ainda postam em blogs e redes sociais o conteúdo selecionado para compartilhar os achados do dia com outros usuários, já que Desirée acredita que esta troca de conhecimentos traz benefícios para a sociedade como um todo. “Não dá para imaginar a vida sem Internet. Eu acredito que os seres humanos têm evoluído mais rapidamente em várias áreas devido a essa troca de informações que ela possibilita e isso só vai aumentar”. A comunicação diária entre o grupo também é intensa, mas é feita totalmente de forma virtual – ou por Skype ou por MSN. “A gente se reúne bem raramente. Uma vez por mês tentamos

A publicitária também atenta para os excessos na rede: “Às vezes a troca de informações diária se torna excessiva. É muita exposição e você perde o controle sobre quem tem acesso a informações que são pessoais”. Ainda assim, Desirée conta que não teve maiores problemas por exposição na Internet, “Nunca passei por nenhuma situação grave, mas sempre tem um ‘feio na foto’ que você prefere não compartilhar e alguém vai lá e posta. Mas faz parte da ideia de troca, temos que nos adaptar”, diz bem-humorada. Assim como o dia-a-dia de Desirée, cada vez com mais intensidade as rotinas físicas se estendem ao espaço virtual das redes sociais por meio de fotos, comentários, vídeos e compartilhamento de informações 24 horas por dia. Parece que de virtual, só o *offline*. //



O DONO DO BEIRA - RIO

Texto e Fotos:
Matheus Kern
matheuskern@hotmail.com

A voz pausada e tímida, de sotaque ainda carregado, o sorriso fácil e o jeito dócil de ser revelam a origem simples de um dos personagens mais marcantes e queridos dos 41 anos de existência do estádio Beira-Rio, casa do Sport Club Internacional. Lourival Gomes Soares, conhecido como “Seu Pernambuco”, é funcionário do clube desde 1969, ano de fundação do estádio. A rotina deste pernambucano está tão

presente na história do estádio quanto o estádio está presente na vida do nosso personagem.

Nascido em Caruaru, distante 135 km de Recife, Seu Pernambuco fazia parte de uma família de 12 irmãos, e sua história poderia ser confundida com a de milhares de retirantes que deixam o Sertão rumo às oportunidades oferecidas no centro do país. Mas ele optou por essa mudança brusca muito cedo, com apenas 19 anos, e somente em sua própria companhia.

“Ainda lembro-me do dia em que resolvi largar tudo e virar “cigano”, deixando minha família para trás. Peguei o que podia e rumei para a cidade mais próxima, ainda de madrugada, onde poderia pegar um ônibus para Minas Gerais. Passei três dias em Belo Horizonte e depois fui para Rio de Janeiro, São Paulo e Maringá, no Paraná”, revela.

Foi em Maringá, aos 22 ans, que sua vida começou a tomar a direção de Porto Alegre. Lá, ao trabalhar em uma fazenda

carregando sacas de farinha, ele conheceu e se apaixonou por uma catarinense, que ainda hoje é sua esposa, mãe de seus três filhos. Como a mulher tinha parentes na capital gaúcha, resolveram largar a vida no Paraná e tentar a sorte mais ao sul. "Quando cheguei em Porto Alegre, trabalhei como açougueiro e depois como cobrador de ônibus. Um dia, estava trabalhando perto do estádio, onde hoje é o Praia de Belas, e o ônibus quebrou. Não sei porque me deu a ideia de caminhar até o Beira-Rio. Quando cheguei, perguntei se por acaso tinha algum emprego ali. Até tinha, mas era só por alguns dias. Aceitei mesmo assim, e esses dias viraram 40 anos", lembra.

Era 20 de fevereiro de 1969, quando Seu Pernambuco começou como auxiliar de obras no estádio Beira-Rio, cimentando, pintando e rebocando as paredes da então nova casa da torcida colorada, que seria inaugurada no dia 6 de abril do mesmo ano.

Com o tempo, passou a trabalhar no departamento de compras e, logo depois, assumiu a manutenção do vestiário dos profissionais, função que até hoje desempenha. Foi nesse ambiente que o apelido "Pernambuco" surgiu, dado carinhosamente pelos jogadores. "Nem adianta pedir para falar com o Lourival Gomes Soares, ninguém vai saber quem é. Agora, se perguntar pelo Pernambuco, não vai ter ninguém aqui no clube que não saiba de quem se trata", explica ele, em meio às gargalhadas.

A rotina do Seu Pernambuco inicia diariamente às sete da manhã, quando sai da sua casa na Vila Nova, zona sul de Porto Alegre, e se dirige ao Beira-Rio pegando duas conduções. Ele é o responsável pela manutenção, limpeza e pelo café fresquinho do vestiário profissional e da

sala de imprensa. Terminado o serviço, ele faz o caminho de volta para casa às cinco da tarde, tendo jogo ou não. "Nunca fico para assistir aos jogos porque o nervosismo fala mais alto, prefiro ouvir em casa mesmo.

Dessa rotina que já dura quarenta anos, Seu Pernambuco guarda centenas de histórias, emoções e grandes amizades

"Quando o Inter viaja para o Chile, o Dom Elias Figueroa faz questão de me mandar um abraço, assim como o Sabonete (apelido do ex-volante Falcão) faz quando vem comentar algum jogo aqui no estádio. Mas a pessoa mais incrível que conheci nestes quarenta anos de casa foi o Fernandão (ex-jogador do Internacional), um grande amigo que levarei para o resto da vida. Liderança como a dele eu nunca tinha visto neste vestiário, tinha o pulso forte mesmo, tanto que eu o chamava de patrão"

feitas no clube que hoje é o do seu coração. A paixão pelo Santa Cruz, de Pernambuco, ficou pra trás assim que ele botou os pés no Beira-Rio pela primeira vez. Das amizades, ele lembra de muitas, mas emociona-se ao falar das mais marcantes.

Pergunto se nesse tempo todo não houve inimizades. Ele responde que apenas uma pessoa o conseguiu tirar do sério: o ex-treinador colorado Emerson Leão. "O mundo foi meu professor e me ensinou que a vida é curta demais para a gente ter inimigos. Então eu respeito a todos, mas o Leão foi um dos que marcou. Lembro que ele exigiu minha demissão um dia e, na outra semana, quem foi despedido foi ele", relembra aos risos.

Em quatro décadas, Seu Pernambuco viu o Inter conquistar três vezes o Campeonato

Brasileiro, ganhar a Libertadores, chegar ao topo do planeta e se tornar "campeão de tudo" com o título da Sul-Americana, conquistado em 2008. De todas as vitórias, ele lembra com mais carinho do primeiro título nacional. "Aquilo foi muito bonito, o Beira-Rio todo lotado, o gol do Figueroa. Naquele tempo, era do Valdomiro que eu mais gostava. Se o Internacional é campeão de tudo, eu também sou, porque

vivi cada título, cada equipe e cada fase deste estádio", diverte-se. Além das taças, ele também viu as mudanças no estádio e suas reformas. "Meu filho, você nem imagina o que era esse vestiário há 20 anos. O chão era todo de borracha, os armários de madeira ficavam muito úmidos no inverno. Hoje é uma maravilha, sem comparação".

Para encerrar, pergunto para ele sobre o futuro, se estará ou não trabalhando no estádio em 2014, ano da Copa do Mundo no Brasil. Ele responde com o olhar vago fitando o futuro, que chegou a hora de descansar. "Tenho 76 anos e a rotina aqui é muito desgastante. Já

pedi demissão duas vezes, mas o Fernando Carvalho (ex-presidente do clube) não permitiu que eu saísse. Ele me apresenta para todo mundo como o dono do Beira-Rio e eu respondo dizendo que, se sou o dono, mereço um salário muito maior!", diverte-se, soltando uma gargalhada no ar. "No futuro, quero morar novamente em Maringá, junto da minha mulher, para poder mexer na terra, não ter hora pra acordar. Só não fui ainda por causa dos filhos", diz ele.

Despeço-me esperando um aperto de mão e sou surpreendido por um abraço, daqueles de pai pra filho. Ele ainda me agradece pela conversa. Vou embora com a sensação de que Seu Pernambuco adicionou mais um nome à sua extensa lista de amizades que já fez por essa vida. //



QUANDO A ROTINA ENTRA EM COLAPSO //

Débora Gallas - deboragallas@gmail.com
Rafael Maia - rafagus.maia87@gmail.com

De repente, tudo o que você é fica para trás. Sobram apenas memórias e espaços a serem preenchidos de novo

Na correria do cotidiano, uma realidade salta aos olhos de maneira evidente: a rotina é o que nos mantém vivos. Para além da estranheza causada por esta afirmação, a verdade que se esconde por baixo é a de que o mínimo conhecimento de como será o dia posterior nos faz dormir tranquilos. Algo que é construído ao longo de toda uma vida e nunca de maneira isolada. A rotina de uma pessoa é influenciada pela família a qual pertence, pela situação econômica da qual faz parte, pelos vizinhos, pelos

colegas da escola e amigos. Também afetam a programação de TV de seu país, as músicas que ouve, os escritores que lê. Até a padaria da esquina, o restaurante dos finais de semana, os garçons do bar preferido: tudo forma a rotina individual. De repente, a pessoa é posta em um lugar diferente, com a proposta de atividades novas e boa parte do que lhe era familiar é deixado para trás. Nesse momento, a rotina, que exerce papel fundamental na manutenção da sanidade humana, fica prestes a entrar em colapso.

Nada diferente disso aconteceu com

Francis Mwanza, 23 anos, estudante de Kinshasa, capital do Congo, que escolheu o Brasil para completar seus estudos. Hoje, após dois anos e três meses em solo gaúcho, com um português que beira à perfeição, ele superou dificuldades como se comunicar expressando o que sentia de maneira que as pessoas entendessem. Agora tudo se encaixa, mas nem sempre foi assim.

A saída do Congo não foi simples, pois parte de sua família não aceitou o fato de que ele havia escolhido o Brasil para morar, ao invés de países mais

Foto: Arquivo Pessoal



desenvolvidos como a França e o Canadá. De acordo com Francis, a ideia de que o Brasil é visto como sinônimo de samba, futebol e praia não é mentira. Seu tio, por exemplo, argumentou no momento de sua decisão: “O que você vai fazer no Brasil? Gastar todo seu tempo jogando futebol?”. Embora o fanatismo tenha sido comprovado em dias de Gre-Nal, em terras tupiniquins, o rapaz percebeu que nem tudo são praias e que o sol não brilha o ano todo. “O frio é complicado. Até hoje eu não me acostumei”, confessou.

Ao contrário do que seu tio imaginava, Francis gastou, no período de adaptação, boa parte do seu novo tempo tentando se familiarizar com o português. O início se configurou como uma quebra abrupta da rotina que vivida na África. Foram oito meses de estudo intensivo da nossa língua no Instituto de Letras da UFRGS. Na universidade, ele cursa Ciência da Computação e mora na Casa do Estudante, localizada no Campus do Vale, na Zona Leste de Porto Alegre.

As diferenças no dia a dia são gritantes entre o Congo e o Brasil. A começar pela comida. Aqui, todos os dias se come arroz e feijão no Restaurante Universitário. Quanto à dieta carnívora, Francis teve a infelicidade de cair em um estado em que o churrasco é um símbolo do povo. Lá, era um hábito diário alimentar-se de peixes, muito pelo fato de que a carne não é tão abundante e barata como no Brasil, segundo Francis. Ele observou também que sua comida típica não visita as mesas gaúchas. O fufu é uma mistura de farinha de mandioca com farinha de milho, feita na consistência de uma pasta com o uso de um óleo, que, não raras vezes, substitui o arroz. De forma perspicaz, ele percebe ainda as diferenças regionais do Brasil. “Tenho um amigo que foi estudar no Nordeste, em João Pessoa. Quando nos encontramos, percebi que a gente falava duas línguas diferentes. Eu aprendi o português dos gaúchos”, constatou.

Nada disso, no entanto, impediu nosso andante africano de encontrar, ao longo do tempo, sua Porto Alegre dentro de

Porto Alegre. No início, o que o deixava confortável e seguro para acordar dia após dia eram os amigos, normalmente outros intercambistas. Francis entendia que, naquele momento, somente alguém que passou pela mesma situação de mudança de vida seria capaz de abrir o coração de uma maneira afável. Depois de alguns meses, a cidade - ou os olhos do congolês - abriu-se para novas possibilidades. “Hoje, eu costumo ir bastante ao Parcão e à Redenção. De noite, eu gosto da Cidade Baixa. O bairro, as pessoas, os bares na rua me lembram a minha cidade”, contou.

Para se integrar mais ao novo país, Francis precisou se digitalizar. Kinshasa, embora seja uma cidade com seis milhões de habitantes, não possui uma vida online tão representativa. O acesso à rede no Congo começou a crescer por volta de 2004 e ainda não é tão comum quanto no Brasil. “A primeira coisa que te perguntam aqui é se você tem Orkut ou MSN. Se você não tem, você não existe”, explicou em meio a risadas.

De repente, tudo o que você é fica para trás e sobram apenas memórias e espaços para serem preenchidos novamente, em um grande jogo de entender a razão da própria existência e das escolhas feitas. E a rotina entra em colapso, até você encontrar outra maneira de sobreviver. No caso de Francis, daqui a dois anos seu convênio com o Brasil se extingue, mas os laços podem ser mais duradouros. “Quando me perguntam se ficarei após o curso, eu não sei a resposta. Aqui é um bom lugar, assim como é o Congo. Ainda quero fazer minha pós-graduação em algum outro país para depois decidir onde vou permanecer”. A rotina de Francis é o mundo e tudo aquilo que o mundo pode lhe oferecer, das semelhanças às mais contrastantes diferenças. //

Fotos: Arquivo Pessoal



Texto e fotos:

Ângela Camana - angela.camana@hotmail.com

João Morales - joaomorales_27@hotmail.com



Os dias e as ideias de quem vê o tempo entre suas mãos //

“O tempo é o senhor da razão”, nos disse Luiz Gomes quando chegamos à sua relojoaria no centro de Porto Alegre. Já era noite e pegamos todo o movimento do fim de expediente: estávamos atrasados. Não era a primeira vez que visitávamos o quinto andar daquele prédio escuro na rua Marechal Floriano. O número 52 é uma salinha acanhada e silenciosa. Por trás das grades de sua entrada, vemos dezenas de relógios que parecem apressar a vida dos três homens que trabalham ali.

Em nossa primeira visita, Seu Luiz não pôde nos atender. Naquele dia, disse que estava sem tempo. Ele é uma surpresa para quem pensa em relojoeiros de cabelos brancos: tem apenas 40 anos e trabalha há 18 dando corda, limpando ponteiros e acertando as horas. Luiz aprendeu o ofício com o seu colega de trabalho e também estudou, “no tempo em que o SENAC dava curso de relojoeiro”. Mas, segundo ele, o fundamental mesmo é se interessar pelo assunto: “Tem que ter curiosidade. A gente aprende dia a dia”, afirma.

O seu dia, por sinal, começa cedo. Ele chega às 6 da manhã no escritório e, entre um gole e outro do cafezinho, confere os serviços que tem pela frente. Depois, senta-se em sua mesa e começa a trabalhar. A limpeza de um relógio dura de vinte minutos a uma hora, depende do modelo e da marca. Em outros tempos, Seu Luiz e seus colegas costumavam fazer a manutenção de grandes obras. Foram eles que consertaram o relógio da Catedral de Pedra de Canela, que tem 2 metros e meio de diâmetro. Hoje, se debruçam apenas sobre pequenas peças, relógios de pulso, de bolso e até mesmo de pêndulos. Mas, independente do tamanho, a profissão exige paciência. “Tem que ser calmo, ser atento. Se tu for muito nervoso ou afoito demais, não vai longe”, alerta Luiz.

É com essa tranquilidade que trabalha o simpático relojoeiro. Ele não tem hora para almoçar, depende de como anda o serviço. Nesta época em que é comum ver a hora no visor do celular ou nos tocadores de MP3, Seu Luiz garante que não tem um dia de folga: “Sempre tenho trabalho”. Ele nos

conta que tem clientes que aparecem por lá toda semana, reclamando apenas de um atraso de milésimos de segundo. “Isso é normal. Aí o problema não é o relógio, é o cliente”, ri Seu Luiz.

Mesmo com tantos afazeres, o relojoeiro comenta que já teve bem mais. Nos últimos tempos, houve uma invasão de aparelhos chineses. Esse tipo de relógio pouco se conserta, pois – pelo valor – vale mais a pena comprar um novo. Apesar disso, Seu Luiz afirma que as marcas tradicionais ainda têm muito espaço e nem sempre a sua experiência no ofício é garantia de conserto: “Tem relógio que nem eu sei arrumar!”. Para ele, os desafios existem, mas se deixam vencer pela rotina. “Todo dia é a mesma coisa. Às vezes o cara cansa!”, desabafa.

Seu Luiz, apesar da profissão, não usava relógio enquanto conversávamos. O motivo pode parecer óbvio, já que estávamos em uma sala rodeada por eles, mas a explicação é bem diferente. “A pessoa que se baseia no tempo, é escrava dele”, afirma. Em sua opinião, hoje em dia se tem hora pra tudo, até para nascer. Pensamos em onde temos que ir e no que temos que fazer, não no que se passa ao nosso redor. As pessoas estão presas a isso e ocupam os dias olhando para o relógio, esperando certa hora chegar. Assim, a vida passa e tudo o que se viu foram os ponteiros girando.

Os ponteiros, aliás, parecem girar cada vez mais rápidos. Quem não tem a impressão de que o tempo hoje voa, em oposição aos ‘velhos tempos’? É só conversarmos com nossos pais e avós, que eles sempre garantem: ‘antigamente não era assim tão corrido’. A percepção de quem passa a vida com o tempo entre as suas mãos é outra. “O tempo sempre é o mesmo. A rotina é que mudou”, entende Seu Luiz. Para ele, é principalmente a tecnologia que transforma o nosso cotidiano: “Antes andávamos de bonde, hoje existem carros velozes e aviões”. Não só os aparelhos, mas as pessoas também mudaram: elas incluíram mais tarefas em um tempo que não aumentou, criando um cotidiano cada vez mais apressado.

Por passar seus dias corrigindo os ponteiros, perguntamos: O senhor não se acha um pouco senhor do tempo? Seu Luiz retruca: “Como vou ser o senhor, se eu sou um escravo do tempo?”. O relojoeiro acrescenta que, apesar de não parecer, está sempre correndo atrás das horas, envolvido com prazos e problemas de seus clientes. Afinal, “o tempo tem que funcionar”, conclui. //



Foto: Felipe Martini

COTIDIANO //

Chico Buarque

Todo dia ela faz tudo sempre igual
Me sacode às seis horas da manhã
Me sorri um sorriso pontual
E me beija com a boca de hortelã

Todo dia ela diz que é pra eu me cuidar
E essas coisas que diz toda mulher
Diz que está me esperando pro jantar
E me beija com a boca de café

Todo dia eu só penso em poder parar
Meio dia eu só penso em dizer não
Depois penso na vida pra levar
E me calo com a boca de feijão

Seis da tarde como era de se esperar
Ela pega e me espera no portão
Diz que está muito louca pra beijar
E me beija com a boca de paixão

Toda noite ela diz pra eu não me afastar
Meia-noite ela jura eterno amor
E me aperta pra eu quase sufocar
E me morde com a boca de pavor

Todo dia ela faz tudo sempre igual
Me sacode às seis horas da manhã
Me sorri um sorriso pontual
E me beija com a boca de hortelã

